

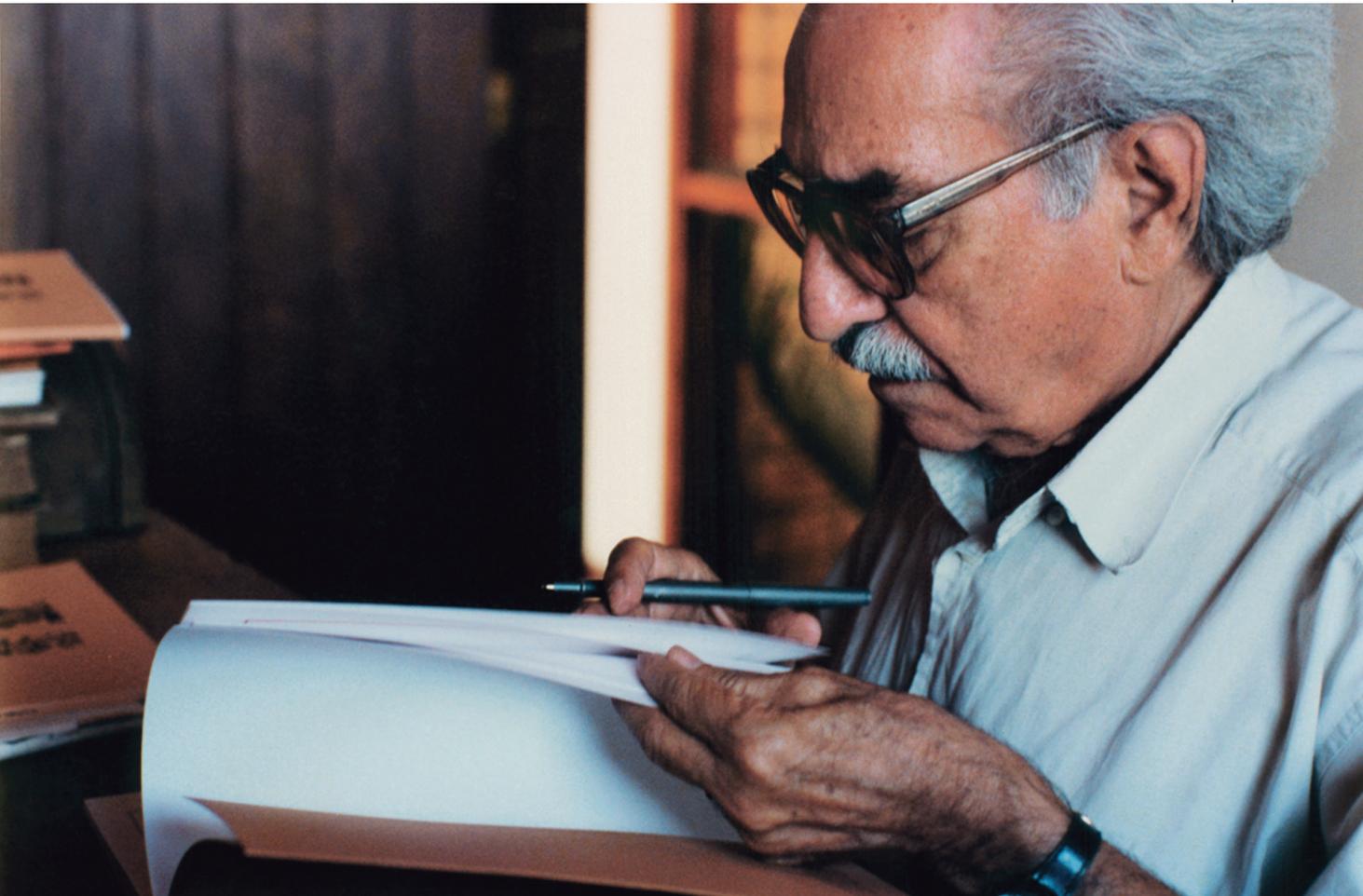
## Meu coração polaco voltou

Prêmio Nobel de Literatura em 1996 e “descoberta” recentemente pelo leitor brasileiro, a poeta polonesa Wislawa Szymborska começa a ter sua obra valorizada no país





Arquivo da família do autor



Desde 2011, quando teve uma coletânea de seus poemas publicada no Brasil, a polonesa Wislawa Szymborska (pronuncia-se Visuá-va Chemborska) começou a ter sua obra conhecida e valorizada no país.

Ainda neste ano, a poeta terá outra seleta com sua produção lançada por aqui. Ambos os livros foram traduzidos e organizados pela professora Regina Przybycien, que atuou no Departamento de Polonês da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e foi professora visitante de Literatura Brasileira na Universidade Jaguielônica de Cracóvia, na Polônia. Ela assina ensaio sobre Szymborska, que é o destaque da edição de julho do **Cândido**.

Prêmio Nobel de Literatura em 1996, a polonesa morreu em fevereiro de 2012, aos 88 anos. O ensaio da professora Regina discute, entre outros aspectos, como Szymborska utilizou a ideia

do mundo como teatro e do teatro como mundo em diversos momentos de sua produção. O texto também apresenta ao leitor fatos da vida da poeta que influenciaram sua obra, como a aproximação, e mais tarde distanciamento, das ideias do socialismo soviético.

Szymborska é apenas um exemplo, entre tantos, de grandes autores poloneses pouco traduzidos ou conhecidos no Brasil. Ainda que o Paraná seja o Estado com a maior colônia de poloneses do Brasil e Curitiba a segunda cidade do mundo, em território fora da Polônia, com mais polacos, os autores do país europeu nunca foram muito populares por aqui. Esse é o tema da entrevista com o polonês Henryk Siewierski, professor titular do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília (UnB). Tradutor de clássicos da literatura polonesa, como Bruno Schulz, Siewierski fala sobre as

peculiaridades da literatura de seu país e por que os autores nunca foram muito aceitos pelos leitores brasileiros.

A poesia segue em destaque na edição 60 do **Cândido**. O ano de 2016 marca o centenário de nascimento do poeta Manoel de Barros (foto), morto em 2014. Uma grande reportagem discute o legado do autor mato-grossense, que terá nova reedição de sua obra. Já os professores Robson Coelho Tinoco e Míriam Theyla analisam a produção de Barros a partir da grande fortuna crítica do poeta já disponível na academia.

Entre os inéditos, destaque para os poemas do paranaense Amarildo Anzolin e a tradução de Dirce Waltrick do Amarante, que é professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), para texto do dramaturgo romeno Eugène Ionesco (1909-1994).

Boa leitura.

## EXPEDIENTE

## CÂNDIDO

**Cândido** é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa  
Secretário de Estado da Cultura: João Luiz Fiani  
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira  
Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Marta Sienna

Coordenação Editorial:  
Rogério Pereira e Luiz Rebinski

Redação:  
Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy

Estagiários:  
Kaype Abreu e Helena Salvador

Coordenação de Desenho Gráfico | CDG | SEEC  
Rita Solieri Brandt | coordenação  
Bianca Franco, Marluce Reque e Raquel Dzierva | diagramação

Colaboradores desta edição:  
Amarildo Anzolin, André Ducci, Antonio Cestaro, Bianca Franco, Dirce Waltrick do Amarante, Flávio Izhaki, Pablo Contreras, Marluce Reque, Míriam Theyla, Regina Przybycien e Robson Coelho Tinoco.

Redação:  
imprensa@bpp.pr.gov.br | (41) 3221-4974

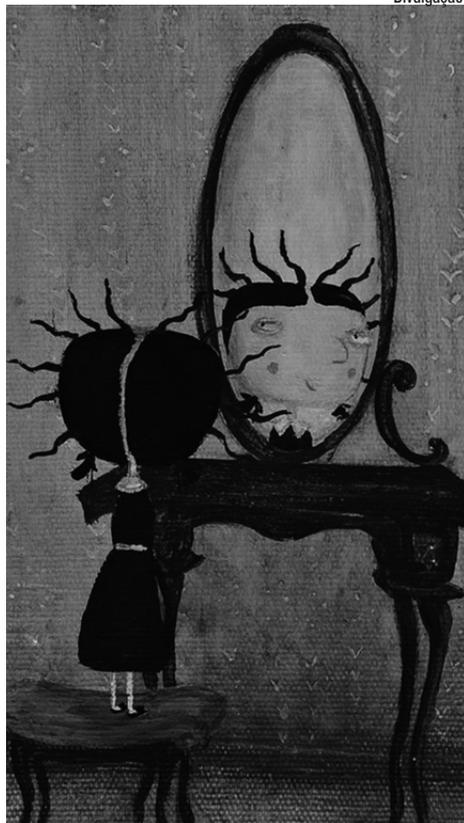
BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ  
Rua Cândido Lopes, 133. CEP: 80020-901 | Curitiba | PR.  
Horário de funcionamento:  
Segunda a sexta, das 8h30 às 20h.  
Sábados, das 8h30 às 13h.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

## Eve Ferretti

Segue em cartaz até 30 de julho, no Hall Térreo da Biblioteca Pública do Paraná, a exposição da artista Eve Ferretti. A entrada é gratuita. A mostra reúne, entre outros trabalhos da autora, originais e reproduções em telas de pinturas, como as ilustrações produzidas para o livro *Moscas e outras memórias*, escrito por Eve em parceria com Fabiola Werlang. A exposição integra as atividades do projeto Agentes de Leitura do Paraná. Formada em Comunicação Visual pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Eve também estudou pintura clássica e desenho. Em 2010, fez sua estreia como escritora ao publicar o infanto-juvenil *A menina que organizava*. Seu primeiro curta metragem — realizado a partir da técnica de animação *stop-motion* — *The old lady*, foi exibido em vários festivais internacionais.

Divulgação



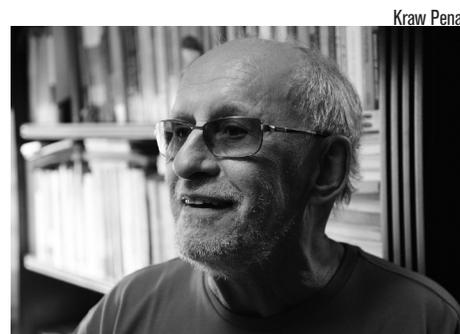
## Festa na Mário Lobo

A Biblioteca Pública Mário Lobo, em Paranaguá, completa três anos neste mês. Primeira sucursal da Biblioteca Pública do Paraná no Estado, a BPML foi instalada em um edifício histórico, que até 2007 abrigava a Santa Casa da cidade. O novo espaço recebeu um acervo de 10 mil volumes, que inclui livros de Literatura, Artes Visuais, História e Geografia, entre outras aéreas do conhecimento. O prédio foi completamente reformado, ganhou mobiliário, equipamentos para informática, auditório e espaço para exposições.

## Uma Noite na Biblioteca

A Biblioteca Pública do Paraná realiza no dia 16 de julho a 9ª edição do projeto “Uma Noite na Biblioteca”, evento destinado a crianças de 7 a 13 anos. Inscrições e informações podem ser obtidas pelo telefone (41) 3221-4980 — vagas limitadas. A programação começa às 17h do sábado (16) e termina na manhã de domingo (17). Durante a noite, são realizadas atividades culturais, como dança, música, teatro, oficinas e gincanas.

## Festa na Mário Lobo 2



Para comemorar a data, uma programação especial será realizada entre 25 e 30 de julho, na própria Biblioteca Mário Lobo. Todos os eventos têm entrada gratuita. Um dos destaques é o bate-papo entre os escritores Marcio Renato dos Santos e Guido Viaro, que vão falar sobre o conto e o romance paranaense, além de comentar sobre suas próprias obras. O encontro acontece no dia 25, às 19h30. Já no dia 28, no mesmo horário, Paulo Venturelli (foto) fala sobre sua trajetória como escritor e leitor de ficção. Professor aposentado da Universidade Federal do Paraná (UFPR), onde lecionou por mais de três décadas, ele é autor de dezenas de livros, em diversos gêneros, como romance, conto e infanto-juvenil. Entre os dias 25 e 28, o grupo de contação de histórias da BPP, “Era uma vez”, também se apresenta. Mais informações pelo telefone (41) 3221-4974.

## Agentes de leitura

Entre 28 e 30 de julho, a Secretaria de Estado da Cultura (Seec) realiza o encerramento da primeira fase do projeto Agentes de Leitura do Paraná. O evento acontece na Biblioteca Pública do Paraná e contará com a presença da consagrada escritora Ana Maria Machado (foto), que faz a conferência de abertura no dia 28, às 10h30, no auditório Paul Garfunkel. No mesmo dia, às 14h, os escritores Ricardo Azevedo, Eve Ferretti e Márcia Széliga debatem a relação entre ilustração e texto na literatura infantil. O escritor João Anzanello Carrascoza ministra a palestra de encerramento, no dia 30, às 10h30. Ele fala sobre “mídia e novos leitores”. Os encontros são gratuitos. O projeto Agentes de Leitura do Paraná tem como objetivo facilitar o acesso ao livro e incentivar a leitura entre crianças e adolescentes. Ao longo de três meses, 60 agentes realizaram atividades de contação de histórias, rodas de leitura, oficinas de poesia, entre outras ações, em quatro cidades do Estado: Apucarana, Foz do Iguaçu, Paranaguá e Pinhais. Mais informações sobre a programação do evento no site [www.cultura.pr.gov.br](http://www.cultura.pr.gov.br).

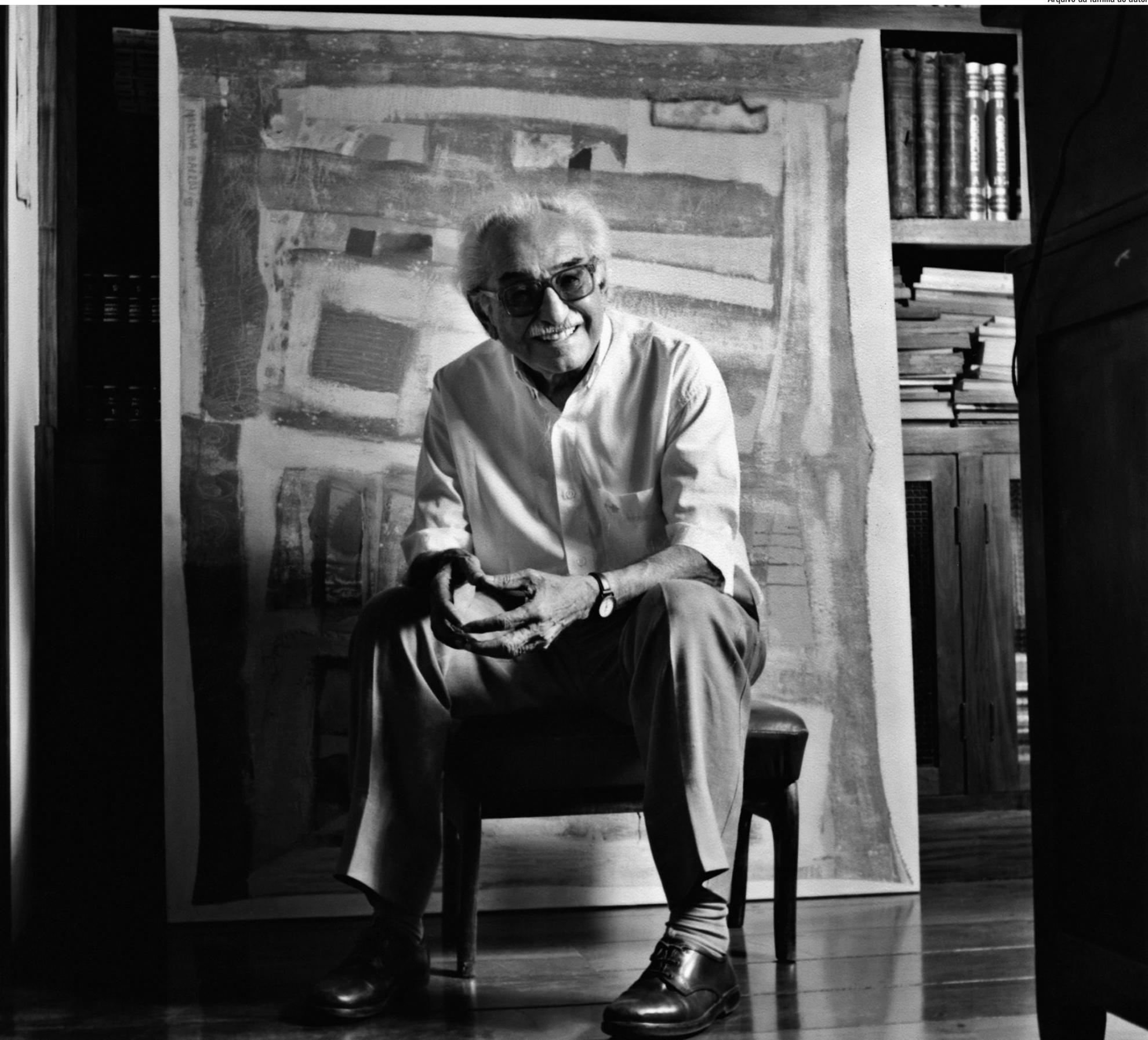
Divulgação





# 100 ANOS DE MANOEL DE BARROS

Arquivo da família do autor



Manoel de Barros: poesia que proporciona retorno ao frescor original do discurso, próximo à infância.

# Retrato do artista quando poesia

Autor de temática e linguagem peculiares, o poeta Manoel de Barros tem a obra reeditada pela Alfaguara no centenário de seu nascimento e será homenageado em 2017 pela escola de samba carioca Império Serrano

MARCIO RENATO DOS SANTOS

Nas primeiras horas do dia 26 de fevereiro de 2017, a Império Serrano vai apresentar na Marquês de Sapucaí uma homenagem ao poeta Manoel de Barros (1916-2014). O enredo se chama “Meu quintal é maior do que o mundo”, título de uma antologia do autor, de 2015, organizada pela sua filha, Martha Barros.

O carnavalesco da Império Serrano, Marcus Ferreira, afirma que os integrantes da escola de samba se entusiasmaram com a proposta, apesar de que amigos e conhecidos de Ferreira desconheciam o nome e a obra do poeta. “Vamos mostrar características da poesia dele, incluindo referências ao Pantanal”, diz Ferreira, em seu primeiro Carnaval na Império Serrano.

A filha do poeta, Martha, aprova a homenagem e acredita que a iniciativa da escola de samba carioca deve se traduzir em mais visibilidade para o legado de seu pai. Este ano, se estivesse vivo, Barros completaria 100 anos no dia 19 de dezembro, data que já está sendo celebrada: os Correios lançaram um selo comemo-

rativo e a Alfaguara reedita a obra do autor [mais informações na página 9].

A professora da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) Leila de Aguiar Costa diz que o legado do poeta se caracteriza, entre outras nuances, por uma “dicção bastante rompedora”. “Barros entende que a linguagem, tomada em seu aparato canônico, gramaticalizado, não é mais capaz de dar conta do necessário contato com o mundo. O artista, então, põe em cena uma poética que se dará como tarefa escapar à maldição de uma linguagem que distorce o laço entre os três polos do signo, abolindo a relação entre significante/significado de um lado, e referente de outro”, analisa Leila.

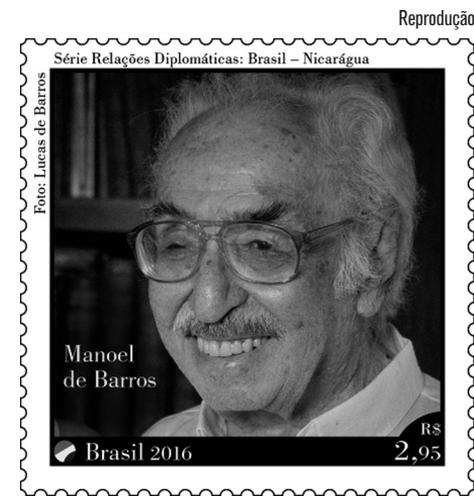
O professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Luís Augusto Fischer acredita que Barros tem um lugar particular na literatura brasileira — por causa do “bom manejo da linguagem”, que estabelece pequenos e delicados paradoxos, o que resulta em um “pequeno e delicado deslumbramento do leitor”. De acordo com Fischer, Barros estaria entre os 40 pré-convocados para

uma seleção brasileira de poetas, mas não conquistaria vaga entre os 11 titulares.

“É possível dizer que um autor é de primeiro plano quando impacta a língua em que escreve de modo irreversível por haver produzido obra ampla, abrangente, com alguma vocação para falar a todos, e isso eu creio que o Manoel de Barros não tem, ao menos em um sentido importante: sendo um poeta marcante, ele o é em apenas uma dimensão. O lirismo dele tem algo de regressivo, de negador da razão, mas com uma temática relativamente acanhada”, argumenta o estudioso gaúcho.

## Miséria crítica

Leila de Aguiar Costa, ao contrário de Luís Augusto Fischer, faz uma avaliação extremamente positiva da poesia de Barros. “Seria uma aberração — e uma injustiça — deixar de considerar a relevância da poesia de Manoel de Barros no cenário poético contemporâneo. Para além de sua recusa em trabalhar com um discurso já instituído, seus textos propõem o que mais parece ser a chave para a



Homenagem dos Correios ao poeta

## “Sou da invencionática”

“Quando eu nasci/ o silêncio foi aumentado”, escreveu Manoel de Barros em um dos poemas do livro *Concerto a céu aberto para solos de ave* (1991). Ele nasceu em Cuiabá, no Mato Grosso, dia 19 de dezembro de 1916, cresceu em uma fazenda na região de Corumbá e, aos 12 anos, foi estudar no Rio de Janeiro, onde se bacharelou em Direito e viveu por mais de três décadas. “Que Pantanal, que nada. Eu gosto é do Leblon.” Barros enunciou a frase para a professora da UFMG Lucia Castello Branco, em um dos vários encontros que eles tiveram.

Em 1955, Barros se mudaria com a esposa, Stella [na foto, a imagem do casamento deles], e os três filhos para o Pantanal, onde estabeleceria uma fazenda, da qual tiraria o rendimento inclusive para ser poeta em tempo integral. Antes, porém, viajou pela Europa e estudou cinema e artes em Nova York.

Na década de 1960, passa a viver em Campo Grande (MS), onde produz grande parte de seu legado poético. A filha Marta, artista plástica que ilustrou obras de Barros, conta que foi no final dos anos 1970 que se deu conta de que o pai era um poeta: “Eu trabalhava como bibliotecária em Campo Grande e fazia a organização de periódicos. Então, meu pai pediu que eu organizasse também os jornais, resenhas e revistas que ele tinha. A partir desse trabalho, passei a ler não só os comentários sobre seus livros como fui descobrindo sua obra. Tomei um susto! Tinha diante de mim um poeta genial, que até então era um grande amigo e pai. Organizei tudo o que pude e venho até hoje organizando e trabalhando com a sua obra. Entrei nesse mundo imagético dele desde então, e me apaixonei como mais uma fã.”

Barros sofreria dois baques no século XXI. Em 2005, perdeu o filho João. Pedro, o outro filho, faleceu em 2013. Interlocutores dizem que, depois das perdas, o poeta praticamente não levantava da cama. Morreu no dia 13 de novembro de 2014 o artista que, no texto “O apanhador de desperdícios”, escreveu: “Queria que a minha voz tivesse um formato de canto./ Porque eu não sou da informática:/ eu sou da invencionática./ Só uso a palavra para compor meus silêncios.”



Arquivo da família do autor

compreensão de sua obra como um todo orgânico: o retorno ao frescor original do discurso, próximo à infância — que é infância das palavras”, comenta Leila.

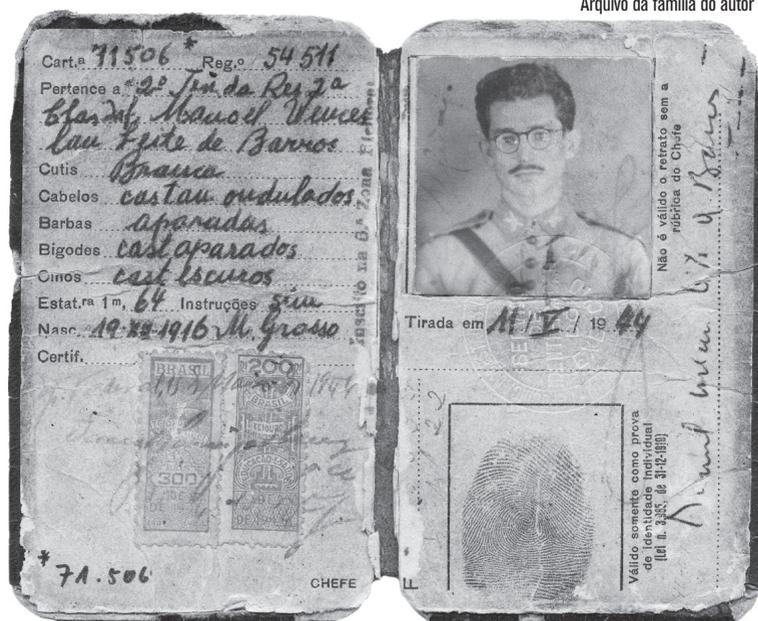
A professora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Lucia Castello Branco afirma que a obra de Barros ainda não foi devidamente lida e avaliada pela crítica literária. “Ele recebeu mais atenção da crítica jornalística, que o lê apressadamente, muitas vezes rotulando-o, apenas, como o poeta do pantanal”, diz a estudiosa. No início da década de 1980, ela escreveu um ensaio a respeito da obra do poeta, publicado no *Suplemento Literário de Minas Gerais*. Barros leu o texto e enviou uma carta para Lucia — que receberia dezenas de outras cartas do autor.

“Ele era tímido. Não frequentava o circuito de badalação literária e isso contribuiu, um pouco, para que a sua obra não fosse mais divulgada e ‘abençoada’ pela academia. O Manoel dizia, brincando, que, ao invés de fortuna crítica, tinha miséria crítica”, diz Lucia, que conheceu o poeta — inclusive, em parceria com Gabriel Sanna, realizou um longa-metragem, *Língua de brincar*, sobre a trajetória do artista.

### Infância, pedra e desrazão

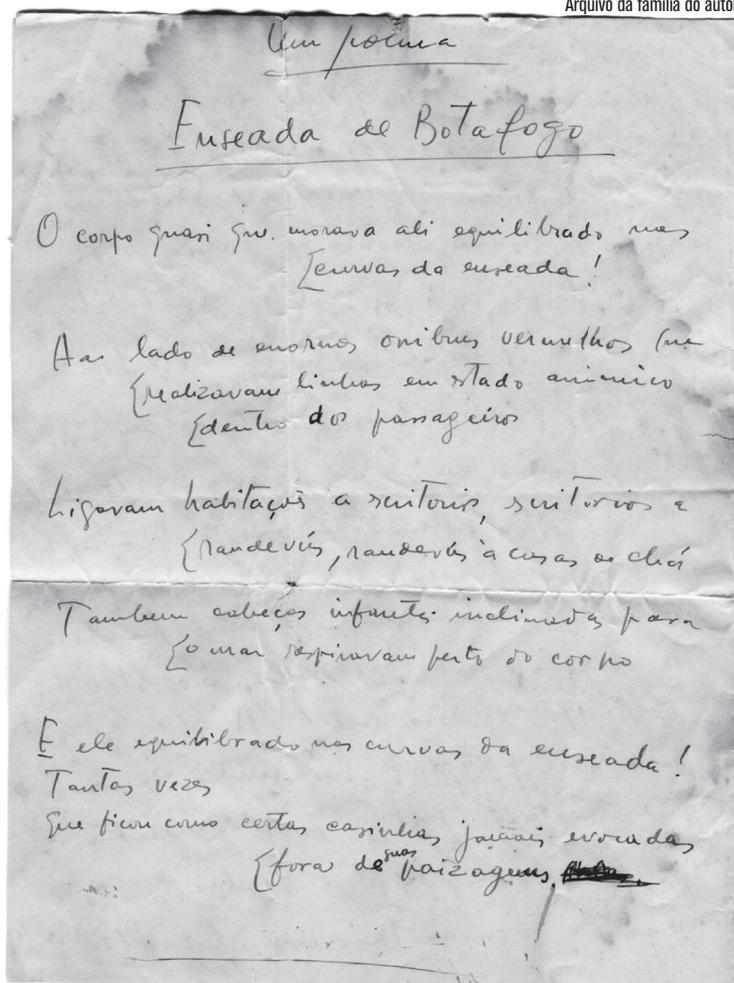
A professora Leila de Aguiar Costa lamenta que o “panteão” dos poetas brasileiros, onde figuram, entre outros, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e João Cabral de Melo Neto, seja tão “seletivo” e tenha as portas fechadas para Manoel de Barros — apesar de que o autor já foi reconhecido, por exemplo, com o Prêmio Jabuti em 1990, na categoria poesia, pelo livro *O guardador de águas* (1989), e em 2002, na categoria livro de ficção, com *O fazedor de amanhecer* (2001), além de ter

Arquivo da família do autor



Carteira de identificação.

Arquivo da família do autor



Versão escrita a mão do poema "Enseada de Botafogo".

conquistado prêmios da Academia Brasileira de Letras (ABL), da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA), entre outras instituições.

A poesia de Barros, enfatiza a pesquisadora da Unifesp, apresenta características que comprovam a sua qualidade, seja a desconstrução da lógica, a recorrente imagem da pedra — que no entendimento de Leila representa o fundamento, o solo, o lugar da poesia, e a imagem da criança — para a estudiosa, esta questão diz respeito à “cena da escrita”: “cena de um antes-da-linguagem que é a língua das/de crianças, antes de toda nomeação, de toda atribuição de signos arbitrários, antes de toda tagarelice.”

Doutoranda em Letras na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Renata Lisboa analisa que o artista tem como marca registrada a invenção e a imaginação. Em diálogo com Leila de Aguiar Costa, Renata destaca a temática da infância na poesia do autor. “Ele reimagina a sua infância convidando o leitor a fazer o mesmo, fornecendo a chave para abrir essa porta dentro de si, do seu ser. A infância é essa fonte que renova o ser, que revitaliza o psiquismo e permite que o mundo de cada um possa ser maior do que já é”, diz Renata, que ainda observa: “Barros concilia o inconciliável. Ele dispensa a razão. O que ele quer é a força mágica das palavras, essa que o atrai irresistivelmente, porque o enriquece.”

### Bernardo e companhia

Luciene Lemos de Campos observa que a poesia de Barros recria, reconfigura e ressignifica figuras populares da região fronteira de Corumbá (MS), principalmente andarilhos, des-

validos, trastes e maltrapilhos, a exemplo do que se lê no poema “Joaquim Sapé”, do livro *Tratado geral das grandezas do infimo* (2001): “Os ornamentos de trapo de Joaquim Sapé já estavam/ criando cabelo de tão sujos./ Joaquim atravessava as ruelas da Aldeia como se fosse/ um Príncipe/ Com aqueles ornamentos de trapo./ Quando entrava na Aldeia com o saco de lata às/ costas/ Crianças o arroteavam./ Um dia me falou, esse andarilho (eu era criança):/ — Quando chove nos braços de uma formiga, o/ horizonte diminui.”

Ela estudou o assunto em sua dissertação de mestrado “A mendiga e o andarilho: a representação poética de figuras populares nas fronteiras de Manoel de Barros”, defendida na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). A pesquisadora, atualmente lecionando Língua Portuguesa no Ensino Médio em Três Lagoas (MS), também destaca Bernardo, personagem presente na obra do poeta, recriação de um sujeito com quem o autor conviveu. Um dos poemas do livro *O guardador de águas* (1989) traz uma síntese do personagem que, segundo autor, era capaz de “esticar o horizonte”: “Esse é Bernardo. Bernardo da Mata. Apresento./ Ele faz encurtamento de águas./ Apanha um pouco de rio com as mãos e espreme nos vidros/ Até que as águas se ajoelhem/ Do tamanho de uma largarta nos vidros.”

### Erudito popular

Lucia Castello Branco chama atenção para o fato de que, por ser considerado um poeta popular, “muita gente” se esquece ou omite o repertório sofisticado de Barros, que provocou impacto



# 100 ANOS DE MANOEL DE BARROS

Arquivo da família do autor



O poeta em Nova York em 1947.

em sua obra. A professora da UFMG lembra de ter conversado com Barros a respeito de alguns autores, dos quais ele conhecia a obra em profundidade, como Fernando Pessoa, Francis Ponge, Padre Vieira, Martin Heidegger e, principalmente, Mário de Andrade — “de quem ele admirava a poesia”, acrescenta.

Leila de Aguiar Costa analisa que Barros dialogou não apenas com autores, poetas e ficcionistas, mas também com artista como Van Gogh. “Um Van Gogh do delírio, do delírio da imagem, do delírio da visão, do delírio da representação”, diz a professora da Unifesp — e, de fato, poemas do autor mencionam pintores, como Picasso e Modigliani.

De acordo com Leila, o tema “inutilidade da poesia”, uma questão para Barros, o aproxima, entre outros, de Paulo Leminski, que definiu a poesia como “inutensílio”. O poeta Arthur Rimbaud também é, de acordo com especialista da Unifesp, outro autor com quem Barros dialogou artisticamente: “aquele Rimbaud que se recusa a aceitar ‘as velhas fanfarras do heroísmo’.” Já Luís Augusto Fischer tem a impressão de que, em sentido mais geral, Barros é da mesma “família” do Mário Quintana: “pela singularidade, pelo apelo à desrazão, pela busca de um afastamento do mundo racional e adulto em favor de um mundo pré ou anti-racional, encantador, mágico.” ■

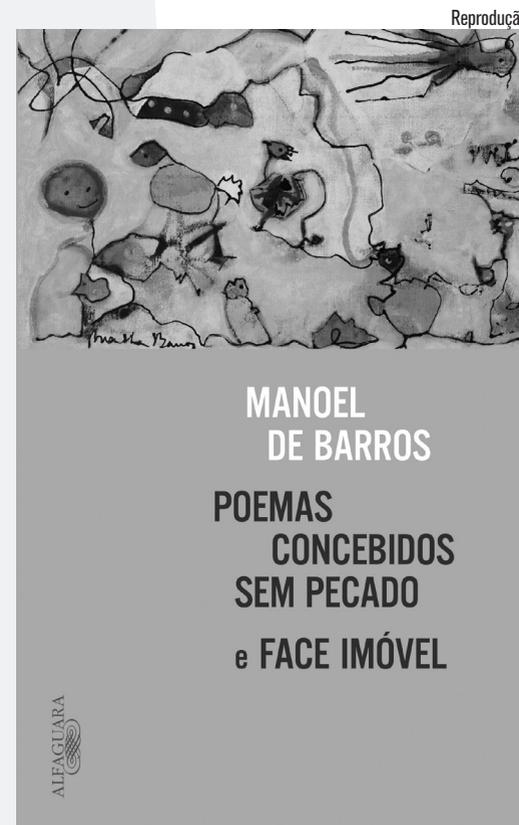
## Ele “esticava” o horizonte

Não há previsão para publicar um livro com inéditos de Manoel de Barros. Quem afirma é a editora Daniela Duarte, responsável pela obra do poeta na Alfaguara. “Já encontramos um ou dois poemas que podem ser inéditos, mas vamos checar. Afinal, o que pensamos ser inédito pode ser a gênese de um texto já publicado”, diz Daniela, que trabalha neste projeto em conjunto com Martha Barros, a filha do poeta e organizadora do acervo, o poeta e ensaísta Italo Moriconi, curador das edições, e a designer Regina Ferraz.

Após ser editada pela Record e pela Leya, em 2015 a obra de Barros passou para a Alfaguara. O primeiro título publicado foi a antologia *Meu quintal é maior do que o mundo* (2015). Desde então, a editora também colocou em circulação, por exemplo, os dois primeiros livros do autor [foto], *Poemas concebidos sem pecado* (1937) e *Face imóvel* (1942), em um único volume, além de *Arranjos para assobio* (1980) — *Livro sobre nada* (1996) está previsto para novembro.

“Vamos disponibilizar ao público obras que estavam esgotadas. Sempre com prefácios inéditos, fotos e reproduções de poemas datilografados ou escritos a mão”, diz Daniela — Barros escreveu 18 livros de poemas, três memórias inventadas e quatro obras infantis.

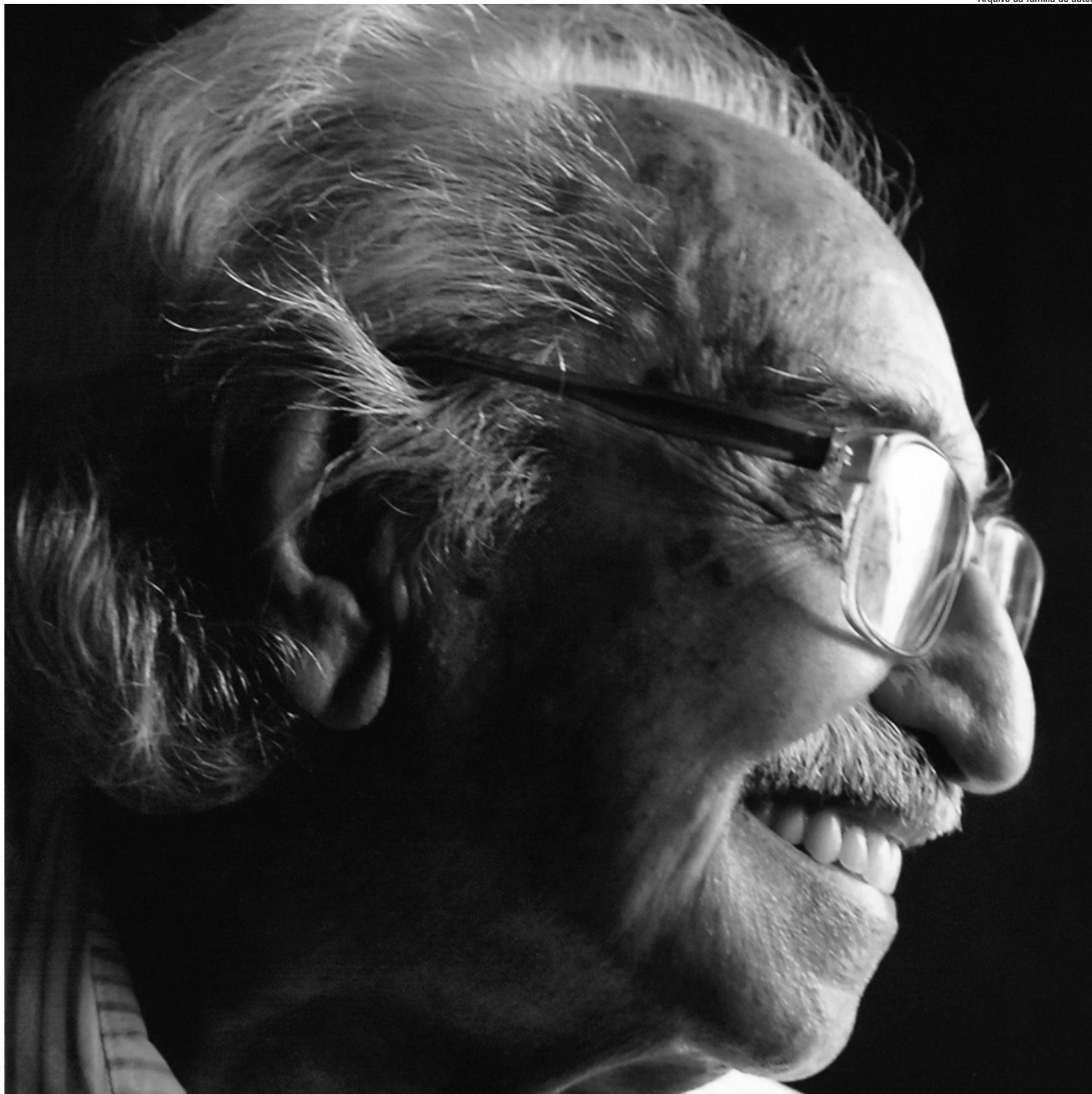
As edições da Alfaguara trazem a relação completa, e correta, das obras, com as datas de publicação, e dados biográficos, confirmados, sobre a trajetória do autor. Barros, a respeito de quem Pedro Cezar fez o documentário com o sugestivo nome *Só dez por cento é mentira*, costumava “esticar o horizonte” em entrevistas e, devido a isso, há informações desencontradas sobre ele na internet — e também em impressos.





# ENSAIO

Arquivo da família do autor



A infância é um dos temas da poesia de Manoel de Barros.



# Um pequenino (des)vivo

Dialogando com inúmeros pesquisadores, **Robson Coelho Tinoco** e **Míriam Theyla** analisam a obra de Manoel de Barros, principalmente, a partir da questão da infância, tema recorrente na poética do autor

No ensaio intitulado “Do esbarro entre poesia e pensamento”, a respeito da obra poética de Manoel de Barros, Alberto Pucheu diz que há grande “dificuldade em se tentar interpretar a obra do poeta”. Tal dificuldade também é igualmente notada por Renato Suttana, no ensaio “Poesia em linha reta: últimas impressões sobre a obra de Manoel de Barros”, quando destaca o sentido precário, no que diz respeito à possibilidade de veicular “mensagens suscetíveis de interpretação ou paráfrase”, o que deve afastar, portanto, qualquer pretensão de aplicar rótulos a essa poesia.

A complicação, se assim pode-se dizer, que advém da provocativa experiência de interpretar a obra poética de Manoel de Barros, entretanto, não se deve ao hermetismo dos textos em questão — que, em sua maioria, utilizam elementos nos quais há valorização de temas elementares, como os relativos à natureza. A dificuldade de abordagem, que Pucheu chama de “aproximação”, reside não no objeto, mas nos métodos com que se tenta interpretá-lo. Isso se dá sobretudo se

for levado em consideração que alguns desses métodos, de base acadêmico-teórica, se apresentam com a pretensão de tentar “reduções temáticas e/ou formais” focando obras poéticas de grande envergadura, como é a de Manoel de Barros, a análises que se resumem, de acordo com o próprio Pucheu, ao “esquartejamento” de conceitos já conhecidos e gastos, tornando estéril o que antes era vitalizado.

Ainda nessa linha de “redução”, os críticos da obra do poeta agem, segundo escreveu Adalberto Müller Jr. no artigo “Manoel de Barros: o avesso visível”, como investigadores de polícia que analisam e decompõem matematicamente os poemas e nada encontram, pois em seus poemas nem tudo é como aparentemente possa parecer. Assim, segue Müller, será preciso talvez começar a olhar para a obra de Manoel de Barros como um todo articulado em torno de um projeto bem estruturado e insistente, em que suas fronteiras (semânticas, discursivas) se movem e se deslocam constantemente, obrigando o leitor a um processo também constante de rememoração e ressignificação.

## Criança no tempo

Nesse sentido, e com foco na “questão da infância” como elemento central da poética de Barros, dois livros são essenciais: *Exercícios de ser criança* (1999) e *O fazedor de amanhecer* (2001). Essas obras tematizam, como tipo de coluna-poética, a questão da infância — tema presente em toda a obra do poeta e que tem ganhado, nos últimos anos, um destaque crescente.

Tal relevância pode ser comprovada pela recorrência do tema no geral de seus trabalhos, como esses dois citados e, ainda, nos livros *Cantigas por um passarinho à toa* (2003) e *Poeminha em língua de brincar* (2007) que, por estarem intimamente relacionados à infância, são classificados, no mercado editorial, mesmo como poesia infantil.

Vale ressaltar que a validade (pertinência, abrangência etc.) desse tipo de classificação aqui não será considerada, interessando muito mais como se dá o processo poético de tal presença temática. Há ainda dois livros de Manoel de Barros, dos mais recentes, em que o tema da infância está presente: *Memórias inventadas: infância* (2003) e *Memórias*

Arquivo da família do autor

Auto-Retrato Falado

Vento de um Curitiba garimpo e de ruas entortadas.  
 Meu pai teve uma venda de bananas no Beco da  
 Marinha, onde nasci.

Fui criado no Pantanal de Curitiba entre bichos do  
 chão, peixes humildes, aves, rios e árvores.

Aprecio viver em lugares decadentes por gosto de estar  
 entre pedras e lagartos.

Fazer o desprezível ser prezado é coisa que me apraz.

Já publiquei 10 livros de poesia, me sinto meio desonrado  
 ao publicá-los e fujo para o Pantanal onde sou  
 abraçado de garças.

Me procurei a vida inteira e não me achei, pelo que  
 fui salvo.

Descobri que todos os caminhos levam à ignorância.

Não fui para a sarjeta porque herdei uma fazenda  
 de gado. Os bois me recriam:

Agora eu sou tão oraso!

Estou na categoria de sofrer do moral, porque só  
 faço coisas inúteis.

No meu morrer tem uma dor de árvore.

Manoel de Barros

Manuscrito de um poema de Manoel de Barros.

*inventadas: a segunda infância* (2006). Esses, se fogem à rotulação editorial de poesia infantil devido a seu cunho mais memorialístico, têm igualmente a infância como tema basilar

No sentido, então, de estudo poético a ser devidamente apreendido, é importante compreender em que sentido a infância — principal temática representada nos livros citados — se aproxima de sua vida-poesia, ou poética vida. Ainda, como tal aproximação é reiteradamente utilizada por Manoel de Barros em seus mais recentes livros em um nível mais explícito e recorrente que em seus outros livros.

É importante lembrar, também, que a constatação de que a infância, a criança e o faz-de-conta infantil são temas comuns na obra do poeta, não sendo características marcantes de uma ou outra fase específica de sua produção e, nesse sentido, evidencia-se o pensamento de Walter Kohan, organizador do livro *Lugares da infância: filosofia*, quando ele afirma que sua poesia procede da infância.

Assim, a infância apresentada no geral de seus poemas não é apenas figurativa, como um cenário empoeirado e distante, mas sim representada como dimensão viva, pulsante e muito rica de significação e ressignificação do mundo e do ser humano. Nesse sentido, a infância nos poemas transcende sua própria condição cronológica, permanecendo atuante na sensibilidade rural-visionária-campe sina de Manoel de Barros. O poeta, mesmo já octogenário, reportava-se à infância não como vivência passada

e finita, mas como dimensão subjetiva que acompanha o adulto em toda a sua existência. Ele não apenas se (auto)remetia ao passado em busca de sua infância; ele a mantinha consigo em sua “desassumida adulez”.

**Infância e poesia**

Sob tais elementos, vistos em conjunto e integrados, destaca-se uma produção artística que associa dois temas muito importantes para o ser humano: infância e poesia. Nesse tema duplicado a infância, mais do que mera fase biológica, é considerada um momento em que a criatividade e a subjetividade se apresentam muito explícitas, resgatando potencialidades positivas do ser humano.

É assim que essa condição infantil se marca pela curiosidade, pela paixão, pelo sonho, pela imaginação, pela criação, pela transgressão, o que possibilita a cada um construir sua história. E ela possibilitará resgatar, segundo Kelcilene Silva no estudo acadêmico “Intertextualidade: a poesia de Rosa em Manoel de Barros”, nossa humanidade, tão esquecida nos dias atuais; resgatar nosso direito de ‘ser mais’, de ser sujeito e não objeto, de encontrarmos um sentido para a vida, para a própria existência humana.

Para Barros, mesmo como opção de vida simples, a desautomatização do discurso e do pensamento pode ser compreendida como a principal característica que aproxima a infância — isto é, a maneira como a criança percebe o mundo — do discurso poético. Para ele, tanto o pensamento infantil quanto o discurso poético possuem “uma lógica”

de funcionamento caracterizada, principalmente, pelo rompimento, e decorrente recriação, dos padrões de compreensão e ressignificação do mundo. Assim, a capacidade perceptiva/subjectiva que as crianças naturalmente apresentam permitiria a elas perceberem o mundo de forma muito diferente da apresentada pelo adulto. De maneira similar se encontrava o poeta-pantaneiro, ao perceber seu “estar-no-mundo” de forma diferente, e incomum, da experimentada pelas outras pessoas.

Dessa maneira é possível afirmar que, ao retratar a infância em seus poemas, Manoel de Barros promove o encontro de potências criativas fundamentais para o ser humano, retrata em seus poemas um percurso pessoal, leve e simples como suas imagens, também marcado por práticas incansáveis de uma extensa “leitura produtiva” como aquela que produz conhecimento múltiplo e convergente — percurso que o poeta faz, atento a cada passo trilhado e sem nenhuma pressa.

Além disso, a forma como a ligação natural existente entre criança e poesia é apresentada — por exemplo, nos livros *Exercícios de ser criança* (1999) e *O fazedor de amanhecer* (2001) — permite vislumbrar o enriquecimento mútuo que pode advir da convivência dessas duas, digamos, dimensões. Ainda, esse tipo de combinação envolve o emprego de variáveis tais como o uso da imaginação — uso que nos poemas é algo facilmente empreendido — pois requer sensibilidade fina ao lado de clara competência literária.

Se tal uso não se estabelece, como os estudiosos Alfredo Bosi e Ida Alves avaliam, não haverá o que se chama de

“universalidade da poesia”, mas tão somente um amontoado desconjuntado de imagens que, por não estabelecerem um diálogo — construído sob dada relação dialógica — com o leitor, não criam sentido poético original, diferencial dos grandes autores.

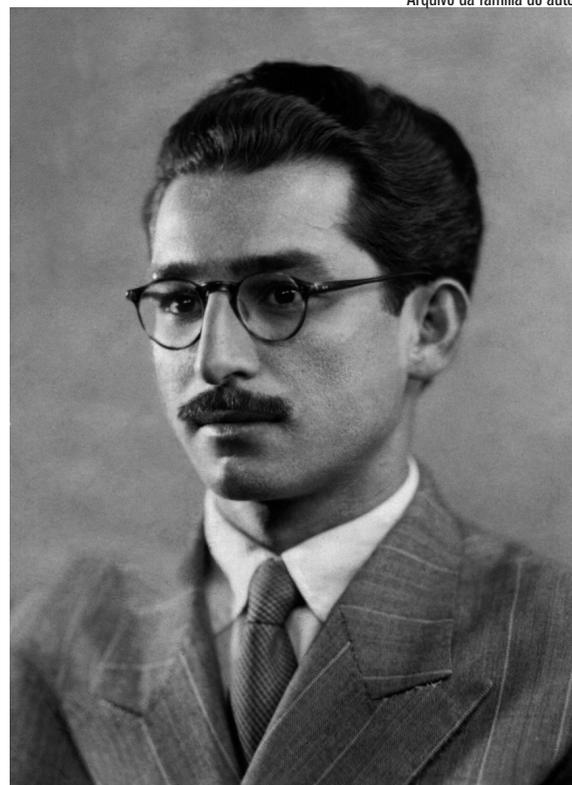
### Fuga de clichês

Assim sendo, poetizar acerca do universo infantil é um desafio que requer do autor autonomia para se desvencilhar dos clichês de expressão linguística e vícios de construção poética que possam interferir na qualidade final da obra. Aparentemente simples de ser alcançada, essa autonomia é resultado de incansável exercício de ser homem, de ser poeta e de ser criança.

Sob tal autonomia, aparentemente simples, a representação da infância, seja na poesia ou na prosa, pode sempre esbarrar na redução que advém de ser o adulto um indivíduo completamente dissociado da infância ou, de maneira oposta, a idealização da infância como dimensão idealizada e inalcançável. Nesse aspecto, em se tratando da poesia de Manoel de Barros, ao representar a infância, com o auxílio de suas memórias pessoais, há um diálogo frutífero e eficaz do autor com a subjetividade de seu leitor, com sua sensibilidade e criatividade — características do ser humano e não apenas do ser-poeta ou ser-criança.

O jogo naturalmente deliberado entre o que é visível e o que é essencial em sua poesia é muito condizente com a própria figura do poeta, cuja aparente simplicidade disfarça, conscientemente, como bem observa José Castello,

Arquivo da família do autor



O poeta fotografado em 1942.

Arquivo da família do autor



Manoel de Barros com familiares no Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, em data não identificada.

em texto publicado no jornal *O Estado de S. Paulo* em 1997, a existência de um homem muito culto, sensível e que dispõe de uma “simplicidade altamente elaborada”. Nesse sentido, como exemplo da intenção que Manoel de Barros tem de confundir sua imagem e sua própria intimidade, o jornalista comenta um encontro que demorou cer-

ca de três meses para acontecer, uma vez que Barros praticava uma espécie de “reclusão”, voluntária e notória, evitando, sempre que possível, entrevistas ou lisonjas de quaisquer tipos.

Suas entrevistas, por exemplo, normalmente eram feitas por telefone ou por escrito mediante envio prévio das perguntas que, após apreciação

metódica do poeta, eram respondidas e reenviadas ao seu interlocutor. Sob tal “invólucro de comunicação”, esse tipo de postura não deixava de alimentar a imagem construída pela mídia, que retratava Manoel de Barros como uma espécie de ermitão isolado em seu próprio mundo, imagem que não condizia com sua verdadeira forma de ser.

### Sobre humanos

O universo de Manoel de Barros se assemelhava muito ao ditado popular “os rios mais lentos e mais silenciosos são os mais profundos”, ainda que suas águas não fossem “tão lentas” assim, pois o dinamismo interno de sua poética é (morre a pessoa-poeta; fica o poeta-pessoa...) pulsante e sempre muito presente ao longo dos versos construídos. Nesse dinamismo o poeta propõe, seguindo um ensaio de Eric Ponty, um mergulho em nossas próprias águas para entrarmos em contato com aquilo que somos na verdade, com nossas origens, nossa pureza que sobrevive escondida.

A busca pela origem dos seres e das coisas é um tema recorrente na obra de Manoel de Barros e dele se desdobram muitos outros, dentre os quais o apego à natureza, a simplicidade de hábitos e de assuntos, além da valorização da criança e da infância. Deve-se entender, quanto a essas opções poético-temáticas, que sua “mitologia pessoal” dialoga profundamente com o imaginário humano coletivo, que resulta em compor uma poética expressiva, literariamente arquetizada, muito rica.

Desvendar o universo — pessoal e/ou poético — de Manoel de Barros é mesmo percorrer um caminho cheio de armadilhas bem armadas, sobretudo aos que tentam fazê-lo com base em preconceitos ou ideias genericamente aplicáveis a tudo. Todavia, para aqueles que optam por um vivo e assumido “caminhar entre armadilhas”, é importante notar que

não se trata de um caminho hermético de curvas entre desvios sobre si mesmo, tecnicamente preparado apenas a uns poucos iniciados. Assim caminhando por ela, assim rumo de vez para a frente, descobre-se que a poesia de Manoel de Barros trata, sobretudo, do ser humano — o que é uma vantagem para o leitor comum, seja criança, jovem ou adulto.

Assim caminhando, nota-se que seus poemas estabelecem diálogo (de andarilho em construção) com o que temos de mais característico: nossa sensibilidade humana. Imerso também, nessa caminhada, o drama (na verdade antidrama) de Manoel de Barros busca a profundidade do próprio ser, de seu existir ante a realidade exuberante, indômita, da palavra de um lado; de outro, o próprio poeta — ser frágil, necessitado — busca, como avalia Afonso de Castro, a apropriação das palavras existentes ou das palavras imaginadas.

### A jornada do poeta

Enfim, seja por meio da vertente de uma imagem poética construída sutilmente, ou nela estabilizada, a aparente (e crua) singeleza na vida e obra de Manoel de Barros não pode ser confundida com ignorância erudita ou ingenuidade intelectual. A adoção da simplicidade pelo poeta, tanto em seus textos quanto em sua vida, assim percebida, é uma postura voluntária e reflete uma original escolha pessoal, não dizendo respeito a limitações — dessa ou daquela linha teórica, desse ou daquele nicho for-

mal-temático — que eventualmente se atribuem a seu trabalho.

Essa noção/sensação de poesia é essencial não apenas para aqueles interessados em “estudar” rios e formigas e mato mas, também, e principalmente, para os que, como avalia a jornalista e atriz Bianca Ramoneda, atropelados pelos excessos — de trabalho, de informação, de desejos — sentem uma necessidade vital (e essencial) de delicadeza e de simplicidade.

Delicadeza e simplicidade que, fielmente adotadas pelo poeta como caminhos-ferramentas poéticos, disfarçam candidamente uma agudeza de raciocínio de um homem que é sobretudo, como bem definiu Pucheu, um “poeta-pensador” preocupado com seu tempo, seus semelhantes e sua própria condição humana. Tal afirmação pode ser comprovada — dialogicamente (salve, Bakhtin!); na completude de seus vazios (salve, Iser!); no abandono do desapego (salve, São Francisco!) — pela leitura atenta dos temas presentes em sua obra, como a busca pela origem das coisas, tema originalmente clássico de funda reflexão filosófica. A presença desse tema, aliás, entre outros, possibilita perceber que o poeta — no fundo, por baixo e por cima, um homem simples — ainda que em nada ingênuo ou desconectado de sua realidade sócio-histórica, empreende uma cruzada pessoal em busca de uma melhor compreensão acerca do homem e de seu sentido de “estar-no-mundo”.

Sim, Manoel de Barros ainda nem morreu. Só desviveu. ■



Os professores Robson Coelho Tinoco e Míriam Theyla analisam que, devido à força de sua poesia, Manoel de Barros “nem morreu. Só desviveu”.

 **Míriam Theyla** é professora de língua portuguesa e doutoranda em literatura brasileira na Universidade de Brasília (UnB). Vive em Brasília (DF).

 **Robson Coelho Tinoco** é professor do departamento de teoria literária e literaturas da Universidade de Brasília (UnB). Vive em Brasília (DF).

Divulgação



# Metal Conceitual

Para a comunidade do rock, ele sempre será o “Vândalo”. O Carlos “Vândalo” Lopes da Dorsal Atlântica, lendária formação carioca que é sinônimo de pioneirismo — em vários sentidos. Fundada em 1981, foi uma das primeiras bandas nacionais a se assumir como heavy metal (e a lançar um “álbum cheio” do gênero). Também abriu as portas do mercado internacional para outros grupos pesados do país, inclusive o Sepultura. E o mais importante: gravou discos conceituais que passam longe da temática fantástica ou demoníaca comum ao estilo.

Em registros como *Searching for the light* (1989), *Musical guide from stellium* (1992) e *Imperium* (2014), a Dorsal — como o trio é chamado pelos fãs — usa a urgência metálica a favor de narrativas sobre o Brasil. Fatos históricos, corrupção na política, Carnaval, injustiças sociais e violência urbana são alguns dos assuntos abordados nas chamadas “óperas *thrash*” do grupo. “Desenvolvi esse conceito para criar uma linguagem de rock pesado que retomasse a linha evolutiva de óperas rock como *Tommy* e *Quadrophenia*,

do The Who. Mas tudo dentro da realidade brasileira”, explica o artista de 53 anos, que também tocou nos projetos Usina Le Blond e Mustang.

Além de músico, Carlos Lopes é produtor, jornalista, escritor, quadrinista e estudioso das áreas de História, filosofia e parapsicologia. Isso explica a complexidade do repertório da banda, que acaba de lançar um DVD duplo, com direito a um documentário incluso, para comemorar os 35 anos de atividade. “Sofri *bullying* no colégio e me dividi entre me achar o ‘estranho’ ou ‘melhor do que os colegas que praticavam *bullying*’. Esse entendimento me levou a outras escolhas, como cinema de arte, política, quadrinhos e rock and roll. Isso foi me afastando da maioria dos colegas”, diz.

A literatura também fez parte desse pacote de escolhas. Lopes conta que os pais não tinham o hábito da leitura, mas nunca deixavam de comprar um livro, se ele pedisse. “Li toda a série do Sítio do Pica-pau Amarelo, do Monteiro Lobato, comprada de um vendedor daqueles que batiam na porta de casa. Também lembro de pedir

## O líder da lendária banda Dorsal Atlântica revela o repertório literário por trás de suas “óperas *thrash*”

OMAR GODDY

para um tio, e ganhar, três volumes da enciclopédia *Tesouro da juventude*, em que conheci o Barão de Münchhausen [personagem do escritor Rudolf Erich Raspe cujas aventuras exageradas foram baseadas em relatos de um militar e nobre alemão].”

Ainda na infância, envolveu-se, como quase toda criança dos anos 1970, com os livros da coleção Vagalume, da editora Ática. Especialmente *O escaravelho do Diabo*, de Lúcia Machado de Almeida, e *Menino de asas*, de Homero Homem — de quem foi vizinho de prédio. “Ele, por acaso, morava no andar embaixo do meu. Uma vez, candidatou-se a um cargo político em uma eleição e colocava as caixas de som na janela, tocando o *jingle* da campanha bem alto. Não era mole, não...”, diz, divertindo-se o artista, que ainda cita a série em fascículos *Grandes personagens da nossa História* como parte fundamental de sua formação.

Um pouco mais velho, passou a se interessar por Machado de Assis. Lopes conta que odiava o autor de *Memórias póstumas de Brás Cubas* na época do colégio, quando era obrigado a ler

seus livros. Só compreendeu sua grandeza anos depois, e hoje o considera seu escritor favorito. Herman Hesse, do clássico *O lobo da estepe*, é outro nome marcante em suas leituras. “Li na extinta revista de música *Bizz* que o Renato Russo, meu contemporâneo, também havia começado com o Hesse. Mas passou a ter um certo desprezo por ele depois de ter lido uma ‘literatura melhor’. Acho isso bobagem, uma coisa não exclui a outra”, afirma.

No início dos anos 1980, já na faculdade de Jornalismo, o músico mergulhou em obras “de esquerda”, como *As veias abertas da América Latina* (Eduardo Galeano) e *Para ler o Pato Donald: Comunicação de massa e colonialismo* (Ariel Dorfman e Armand Mattelart). Segundo ele, foram “os livros certos para a época certa” — no caso, o final do regime militar do Brasil, que coincidiu com a criação da Dorsal Atlântica. Não à toa, Lopes é um dos primeiros entrevistados do conhecido documentário canadense *Global Metal* (2008), sobre a popularização da música pesada em países periféricos. Seu depoimento trata

justamente da relação entre a ditadura e o surgimento do heavy metal no país.

“Vi o Brasil ser modernizado com TV em cores, rádio FM, iogurte, frango desossado, leite longa vida... No entanto, nada mudou para melhor. Até já tentei desistir do formato de ‘ópera *thrash*’. Mas não dá, porque o país não progride desde a Guerra do Paraguai”, provoca. O próximo disco da banda, ele avisa, vai traçar paralelos entre o fim do período imperial, em 1889, e o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff (processo que o artista classifica como “golpe de estado”).

Enquanto compõe para o décimo álbum de estúdio da Dorsal, Carlos Lopes prepara o lançamento de um livro de quadrinhos com a história da banda. Mas a *graphic novel*, produzida com recursos de uma campanha de financiamento coletivo pela internet, não será sua primeira incursão no mercado editorial. Além de trabalhar como subeditor da revista *Rock Press* no fim dos anos 1990, ele publicou os livros *Guerrilha!* (biografia oficial do grupo), *Mágica vida mágica* (relato de suas experiências com fenômenos

parapsicológicos) e *O Segredo J* (ficção produzida a partir de um estudo sobre política e teorias conspiratórias). Sua “gaveta” ainda tem três romances inéditos, além de contos que costuma inscrever em concursos literários.

Ou seja: não inclua Lopes no rol dos músicos brasileiros que se aventuraram pelas letras nos últimos anos (Dado Villa-Lobos, Marina Lima, Humberto Gessinger, Lobão, etc.). Para ele, a tendência pode ser apenas uma estratégia de *marketing* para lucrar em cima de quem já está em evidência na mídia. “Não sei se é genuíno. No meio musical há muita superficialidade, e isso explica o pouco aprofundamento das biografias nacionais. A obra é o reflexo do artista. Artista vazio, obra vazia.”

Se for para ler autores contemporâneos, ele prefere Maria Valéria Rezende, Luiz Ruffato, Thomas Pynchon, David Foster Wallace, Michael Cunningham e Chico Buarque — o único músico da lista, porém acima de qualquer suspeita. “Um livro do Chico Buarque é uma coisa, um da Maitê Proença é outra”, faz questão de frisar. ■

# PARA PREPARAR UM OVO COZIDO

Tradução: Dirce Waltrick do Amarante

*Para Jean Follain, grande poeta e gastrônomo*

Peça ao vendedor um ovo para cozinhar. Peça que ele o examine para verificar se está fresco. O mais comum será um ovo de galinha. Pode-se usar também ovo de pata, que é bem maior, geralmente de uma coloração ligeiramente esverdeada e que não se encontra tão facilmente.

Vá para casa tentando manter o ovo intacto.

É preferível preparar o ovo cozido na cozinha, sobre um fogão. Atenção! Não se põe o ovo diretamente sobre o fogão, mas numa panela.

Primeiramente, ponha água na panela em quantidade suficiente para cobrir o ovo. Por exemplo, para uma panela cilíndrica, de 20 centímetros de diâmetro e 15 centímetros de altura, só precisa de meio litro de água.

Você pode obter água abrindo a torneira, na maioria dos casos em cima da pia; é na panela com água que se mergulha o ovo, que se põe no fogo. Se a água está fria, você pode aquecê-la depois de acender o fogo sobre o fogão.

Acende-se com a ajuda de um palito de fósforo, tirado de uma caixinha, que você vai friccionar sobre uma das duas laterais coberta de fósforo vermelho. Depois segure o palito de fósforo acima dos orifícios da boca do fogão, em seguida gire o botão permitindo a passagem do gás pelos canos e sua chegada nos orifícios pelos quais jorra sob o aspecto de pequenas chamas.

Pode-se utilizar também, no lugar do palito de fósforo, um isqueiro, ou seja, um acendedor com uma pedra de ferro-cério ou elétrico de friccionar.

Espera a água entrar em ebulição. Em seguida, mergulhe nela o ovo.

Você pode retirá-lo ao cabo de dez minutos com uma colher a fim de evitar queimar seus dedos. Passe o ovo na água fria pela mesma razão.

Retire a casca do ovo. Para fazer isso, bata ligeiramente nela com a ajuda de uma faca ou de uma colherinha de café. Assim que ela se quebrar, deposite o objeto contundente e tire delicadamente a casca com a simples ajuda de seus dedos.

Jogue os restos das cascas, que não são comestíveis, na lata de lixo ou no ralo da pia, depois coloque o ovo sobre um prato de preferência raso.

Você pode cortá-lo em duas fatias no sentido longitudinal utilizando uma faca. Coloque sal nele e, se você quiser, manteiga derretida ou óleo. Pode-se também cortá-lo diametralmente em fatias mais finas e colocá-lo na salada. Pode-se também comer o ovo sem cortá-lo em fatias.

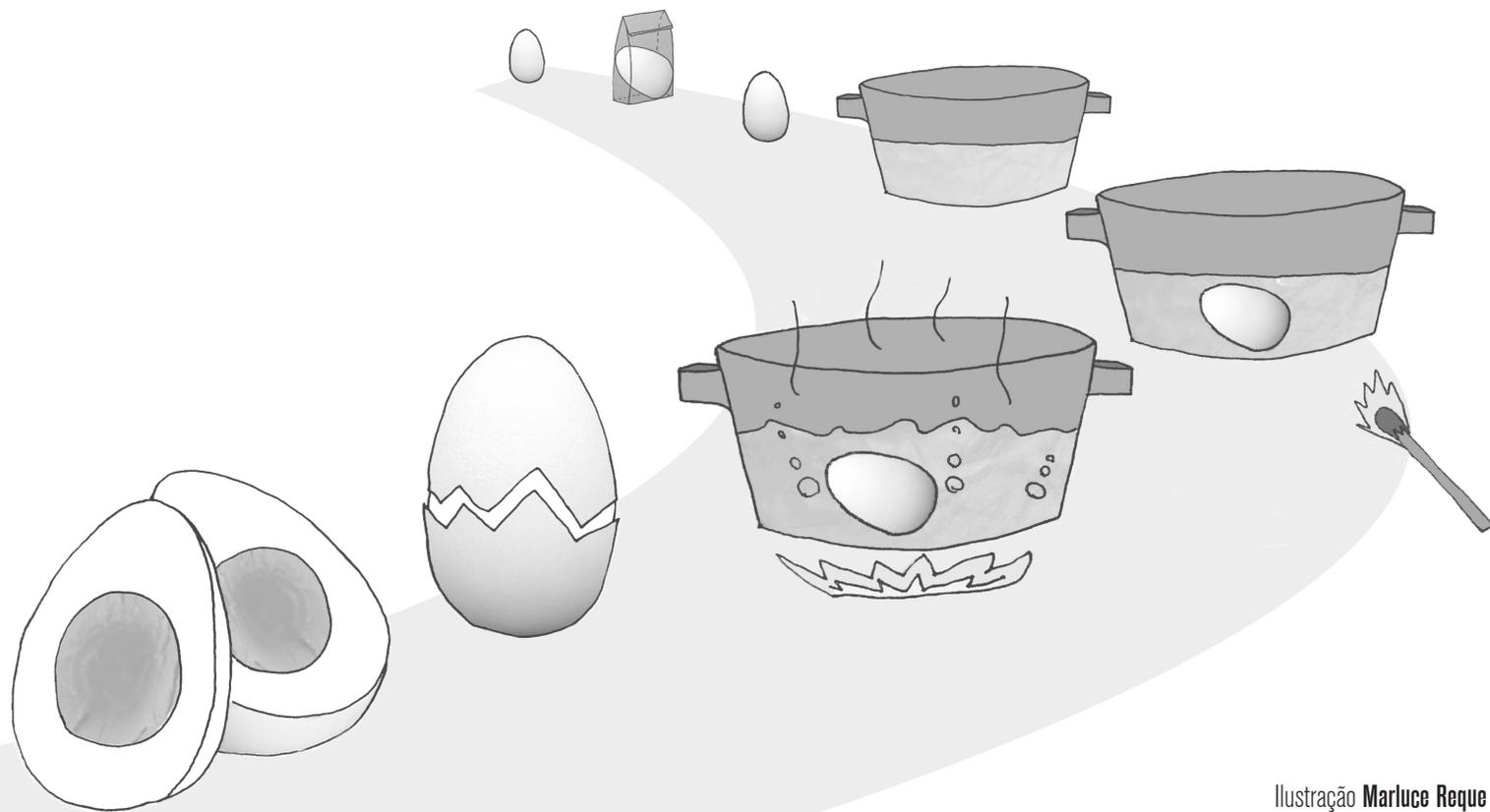
Nesse caso, leva-se com a mão o ovo à boca sem a intervenção do garfo, e parte-se o ovo com os dentes como uma maçã após cravar nele os incisivos e os caninos a fim de extrair aquilo que chamamos um bocado (de “boca”), depois um segundo e um terceiro bocados. Normalmente, três a seis bocados são suficientes para consumi-lo inteiramente. Pode-se eventualmente comer o ovo sem sal, sem manteiga e sem óleo.

Se se quiser fazer dois ou três ovos, se duplica ou se triplica naturalmente toda a dose. Isso não influencia

no tempo de cozimento desde que sejam colocados juntos. Se você ferver um líquido ou cozinhar um produto alimentar (ensopado, purê de batata etc.), você pode constatar que o tempo de cozimento varia conforme a quantidade ou a espessura dos alimentos sob a ação do fogo. Os ovos, desde que cozidos na casca, são exceção à regra. Se são colocados juntos, sua quantidade não influencia na duração do cozimento. Essa particularidade não pode ser desconsiderada.

Se, apesar de todas as precauções tomadas, o ovo estiver estragado, jogue-o fora.

O ovo estragado é reconhecido por seu odor nauseabundo, em razão da decomposição química que provoca o desprendimento do ácido sulfídrico H<sub>2</sub>S. Você pode dar queixa, nesse caso, diretamente para o vendedor ou para os Institutos de Higiene e de Controle Alimentar, cujo endereço está nos catálogos que você encontra que em todas as casas com telefone ou nos cafés e nas agências de correio.

Ilustração **Marluce Reque**

O ovo cozido se distingue do ovo cru ou mole ou “na casca” por sua consistência mais compacta em razão da desidratação resultante do cozimento. No ovo chamado “na casca”, a gema permanece líquida; no ovo duro, a gema e a clara estão separadas.

Durante o cozimento, acidentes leves podem acontecer. De modo que a casca pode rachar e uma parte do conteúdo se espalhar na água; muito mais raramente todo o conteúdo. Não se inquiete, ele continua a cozinhar fora da casca. No final do cozimento, você pode pegar esses pedaços sólidos com uma colher. Você pode colocar um outro ovo na panela, isto é, recomeçar a operação.

Certos autores preferem e recomendam que se coloque o ovo na água fria, nesse caso, a casca corre menos risco de

quebrar, pois ela se aquece e se dilata gradualmente. Uma dilatação brusca é difícil de prever, pois seu processo não é perceptível a olho nu.

Se você coloca o ovo na água fria para fazê-lo cozinhar ao mesmo tempo que a água ferve, a duração total da preparação necessária ao endurecimento é menos longa. Informar-se sobre a duração exata.

O fogão a gás não é absolutamente indispensável para a preparação do ovo dito cozido. Pode-se utilizar o fogo da chaminé, a grelha, o fogão à lenha, elétrico ou a álcool, etc, e mesmo saibro quente (a diferença de tempo de cozimento deverá ser levado em conta).

O ovo é um alimento nutritivo e saudável. Portanto, ele é proibido ou pode ser recomendado em certos casos. Segundo a opinião do médico.■

**Eugène Ionesco** (1909-1994) nasceu na Romênia, mas escolheu viver em Paris. Em 1950, Ionesco tornou-se, com outros dramaturgos da época, como, por exemplo, o irlandês Samuel Beckett, um dos pioneiros do chamado “Teatro do Absurdo”. Escreveu cinco contos especialmente para crianças, ou melhor, para a sua única filha Marie-France, intitulados *Conto n.1*, *Conto n.2*, *Conto n.3*, *Conto n.4* e *Conto n.5*. O texto *Para preparar um ovo cozido* é de 1966 e, nessa mesma época, Ionesco escreveu uma peça teatral sobre esse tema, *O ovo cozido*.

**Dirce Waltrick do Amarante** é tradutora, ensaísta e professora do Curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Vive em Florianópolis (SC).



# O mundo e o palco de Wisława Szymborska

Reprodução



A professora e tradutora **Regina Przybycien** explica como a poeta polonesa, que em breve terá a segunda seleta de seu trabalho publicada no Brasil, utilizou a metáfora do “mundo como teatro” para compor parte significativa de sua obra

**T**alvez Wisława Szymborska (pronuncia-se mais ou menos Visuáva Chemborska) não seja conhecida de todos os leitores por isso, começo com uma breve biografia. A poeta nasceu em 1923 num lugarejo chamado Bnin (que hoje faz parte do município de Kórnik), perto da cidade de Poznań, na parte ocidental da Polônia. A família se mudou para Cracóvia quando ela tinha 7 anos, de modo que toda a sua vida esteve ligada afetiva e intelectualmente a essa cidade. Em Cracóvia cursou clandestinamente o segundo grau durante a ocupação nazista e posteriormente estudou sociologia na Universidade Jaguêlônica, mas não chegou a se formar. Após a Segunda Guerra, a Polônia tornou-se um satélite da União Soviética e sob o regime comunista as atividades intelectuais e artísticas sofreram forte censura. Como vários outros jovens artistas, Szymborska filiou-se ao Partido Comunista no início dos anos 1950 e publicou os primeiros poemas em consonância com a ideologia do partido, mas após a morte de Stalin, com uma relativa distensão política na Polônia, pôde expressar-se numa voz individual, já visível no livro *Wolanie do Yeti* (*Chamando*

*pelo Yeti*), de 1957, e que foi se intensificando nos livros subsequentes. Desde o começo seus versos foram apreciados na Polônia e em outros países nos quais foi traduzida (ganhou, entre outros, o prêmio Goethe na Alemanha, em 1991, e o prêmio Herder, na Áustria, em 1995), mas a consagração mundial veio com o prêmio Nobel, em 1996. Traduzida para dezenas de línguas, é considerada uma das poetas mais relevantes do século XX.

Szymborska sempre levou uma vida discreta. Não gostava de dar entrevistas e de aparecer na mídia. A premiação do Nobel colocou-a sob os refletores, transformou-a numa celebridade e durante um bom tempo tirou-lhe a tranquilidade para escrever, tanto que seus amigos se referiam ao prêmio como “a tragédia do Nobel”. Fumante inveterada, a poeta morreu em 1º de fevereiro de 2012, aos 89 anos, vítima de um câncer de pulmão.

### A poesia

Sua poesia, de grande sofisticação intelectual e densidade filosófica, mas vazada numa linguagem clara, sem hermetismo, atrai não somente leitores iniciados — como poetas e críticos lite-



Wisława com seu segundo marido, Kornel Filipowicz, que também era escritor.

rários —, mas também o leitor comum que aprecia poesia.

Szymborska publicou relativamente pouco, considerando que sua atividade literária se estende por mais de meio século: 11 livros abrangendo algumas centenas de poemas (sem contar os dois primeiros, que ela renegou por conter poemas engajados, restando pela cartilha do socialismo real). A inspiração para a criação poética vinha de fontes muito diferentes. É visível a fascinação da poeta pelas ciências naturais, sobretudo a biologia e a astronomia, mas também os aconteci-

mentos comuns da vida cotidiana eram para ela matéria de poesia porque sempre conseguia vislumbrar neles algo extraordinário. Os temas muitas vezes sombrios têm certa leveza graças ao humor e a ironia, recursos que produzem um distanciamento do eu lírico e evitam que caia no trágico ou no patético.

Um *topos* comum na literatura desde a Grécia antiga é a ideia do *theatrum mundi* — o mundo como um palco. Ele se torna recorrente no teatro elisabetano e principalmente nas peças de Shakespeare. Veja-se, por exemplo, o famoso trecho da comédia *As you like*

*it (Assim é se lhe parece):* “O mundo inteiro é um palco e todos os homens e mulheres não passam de meros atores. Eles entram e saem de cena e cada um no seu tempo representa diversos papéis”. Também em *Macbeth* temos a ideia da vida como representação: “A vida nada mais é que uma sombra que anda ... um pobre ator que se pavoneia e se agita durante sua hora no palco e depois não é mais ouvido. É uma história contada por um idiota, cheia de som e fúria significando nada.” Em ambas as citações, mas principalmente em *Macbeth*, temos uma visão sombria e desencantada da vida.

Szyborska apropria a ideia do mundo como teatro e do teatro como mundo e coloca-a para uso próprio. Tadeusz Nyczek observa como diversos poemas lembram microdramas com personagens, ação, desenvolvimento de um tema, prólogo, clímax e resolução.<sup>1</sup> Em alguns poemas o próprio tema é o *theatrum mundi*. Essa predileção pela metáfora da vida como representação não deixa de ser paradoxal pois, a poeta confessou às suas biografias que não gostava de teatro: “Me enfada o teatro tradicional, no qual tudo é certinho e de acordo com a época, mas me enfada ainda mais quando personagens do século XVIII se balançam pendurados no teto ou gritam suas falas deitados no chão, portanto também não suporto isso que se considera vanguarda. Mas gosto de ler peças teatrais. Lendo, eu mesma as dirijo.”<sup>2</sup> A poeta também não gostava de adaptações musicais ou performances dos seus poemas: “Meus versos não são para cantar, nem para dançar, nem para fazer monodramas, são para escutar e pensar.”<sup>3</sup>

O poema que desenvolve de forma mais evidente a metáfora da vida como representação é “A vida na hora”:

A vida na hora.  
Cena sem ensaio.  
Corpo sem medida.  
Cabeça sem reflexão.

Não sei o papel que desempenho.  
Só sei que é meu, impermutável.

De que trata a peça  
devo adivinhar já em cena.

Despreparada para a honra de viver,  
mal posso manter o ritmo que a peça impõe.  
Improviso embora me repugne a improvisação.  
Tropeço a cada passo no desconhecimento das coisas.  
[...]

Se pudesse ao menos praticar uma quarta-feira antes  
ou ao menos repetir uma quinta-feira outra vez!  
Mas já se avizinha a sexta com um roteiro que não conheço.  
Isso é justo — pergunto  
(com a voz rouca  
porque nem sequer me foi dado pigarrear nos bastidores).  
É ilusório pensar que esta é só uma prova rápida  
feita em acomodações provisórias. Não.  
De pé em meio à cena vejo como é sólida.  
Me impressiona a precisão de cada acessório.  
O palco giratório já opera há muito tempo.  
Acenderam-se até as mais longínquas nebulosas.  
Ah, não tenho dúvida de que é uma estreia.  
E o que quer que eu faça,  
vai se transformar para sempre naquilo que fiz.<sup>4</sup>

## RESERVADA E GENIAL

Antes de ter seu primeiro livro de poemas publicado no Brasil, em 2011, Wislawa Szymborska já havia sido traduzida para o português no livro *Quatro poetas poloneses*, publicado em 1994 pela Secretaria de Estado da Cultura (SEEC). Além de Wislawa, Tadeusz Różewicz, Czesław Miłosz e Zbigniew Herbert também tiveram seus trabalhos traduzidos por Henryk Siewierski (leia mais entre as páginas 26 e 29) e José Santiago Naud. O livro tem grande importância histórica, pois foi a primeira antologia de poetas poloneses publicada no país. E é partir dos anos 1990 que o interesse mundial pelo trabalho da poeta cresceu. Em 1991, ela foi homenageada com o Prêmio Goethe de Poesia. Cinco anos mais tarde, em 1996, levou o Nobel de Literatura. Reservada, Wislawa viveu desde menina em Cracóvia, cidade situada às margens do Vístula, no sul da Polônia. Sua obra também é enxuta, consiste em cerca de 250 poemas. A poeta assinou, durante mais de 20 anos, uma coluna de crônica no semanário *Zycie Literackie* (Vida Literária), com sede em sua cidade natal. Entre outros trabalhos, publicou *Por isso vivemos* (1954), *Apelo ao Yéti* (1957), *Grande número* (1976) e *Começo e fim* (1993). ■



Reprodução



A universidade Jaguelônica, em Cracóvia, fundada em 1364, é a mais antiga instituição de ensino superior do país e uma das mais antigas do mundo. A poeta cursou sociologia na universidade, mas não chegou a se formar.

A atuação é improvisada. A atriz insegura e canhestra, mas essa é a sua estreia, a vida presente, sua ocasião única. Um dos poemas mais breves de Szymborska, “As três palavras mais estranhas”, começa com os versos: “Quando pronuncio a palavra Futuro, / a primeira sílaba já se perde no passado.” Não se pode postergar o espetáculo da vida, ensaiar para uma atuação melhor. Cada momento é sempre uma estreia.

O poema “Impressões do teatro” aborda o tema do *theatrum mundi* da perspectiva do espectador. Lembremos que a tragédia elisabetana tem cinco atos que abrangem: exposição, ação crescente, clímax, ação decrescente e resolução. No poema, o eu lírico diz que prefere o “sexto ato”, isto é, o momento em que os atores, ainda maquiados e vestidos, já não atuam, mas ainda estão no palco, no limiar entre a representação que acabou e a vida que retomam:

Para mim, o mais importante na tragédia é o sexto ato:  
o ressuscitar dos mortos das cenas de batalha,  
o ajeitar das perucas e dos trajés,  
a faca arrancada do peito,  
a corda tirada do pescoço,  
o perfilar-se entre os vivos  
de frente para o público.<sup>5</sup>

Mais do que a tragédia que acaba de assistir, com sua dose de *páthos*, violência e morte, o que comove o eu lírico é o momento da transição do teatro-arte ao teatro-vida:

Mas o mais sublime é o baixar da cortina  
e o que ainda se avista pela fresta:  
aqui uma mão se estende para pegar as flores,  
acolá outra apanha a espada caída.  
Por fim uma terceira mão, invisível,  
cumprir o seu dever:  
me aperta a garganta.

<sup>1</sup> NYCZEK, Tadeusz. Tyle naraz świata. 27 x Szymborska. Kraków, Wydawnictwo a5, 2005, p.155.

<sup>2</sup> BIKONT, Anna, SZCZĘSNA Joanna. Pamiątkowe rupiecie – Biografia Wisławy Szymborskiej. Kraków, Znak, 2012, p. 141.

<sup>3</sup> Idem, p.352.

<sup>4</sup> SZYMBORSKA, Wisława. Poemas. S.Paulo, Cia.das Letras, 2011, p.63-64.

<sup>5</sup> Idem, p.44-45.

“Szyborska apropria a ideia do mundo como teatro e do teatro como mundo e coloca-a para uso próprio.”

### Longe da lírica

Poucos são os poemas de Szyborska sobre o amor e normalmente vêm carregados de uma dose de ironia. Pela sua visão de mundo, a poeta se parece mais com os racionalistas do século XVII do que com os românticos que os sucederam e que marcaram tão profundamente a lírica amorosa. Na poesia de Szyborska ninguém morre nem enlouquece de amor. No poema “Ópera bufa” temos novamente a metáfora do palco. O eu lírico prevê que no futuro o seu caso amoroso será encenado como uma comédia de costumes na qual ela e o amado serão representados como personagens burlescas. Implícita na descrição está a ideia de que o amor não resiste à passagem do tempo: o que um dia foi drama passa a ser comédia. Mas há uma nota amarga na fala do eu lírico porque a comédia é para divertimento dos espectadores, não das personagens. Estes são os palhaços da ópera bufa e palhaços são tristes:

Primeiro passará o nosso amor,  
depois cem, duzentos anos,  
depois nos encontraremos de novo:

um casal de comediantes,  
os favoritos do público,  
vai nos representar no teatro.

Uma pequena farsa com canções,  
um pouco de dança, muito riso,  
uma boa comédia de costumes  
e aplausos.

Você irresistivelmente cômico  
nesse palco, com esse ciúme  
e essa gravata.

[...]

Vamos nos encontrar,  
afastar, a sala rindo sem parar,  
e sete rios, sete montes  
entre nós imaginar.

E como se não bastassem  
os fracassos e as dores da vida  
nos feriremos com palavras.

Depois faremos medidas  
e com a farsa terminada,  
o público irá dormir  
depois de muita risada.

[...]

E nós sempre assim desse jeito,  
nós de barretes com guizos,  
com seu tinido bárbaro  
nos nossos ouvidos.<sup>6</sup>

<sup>6</sup> Poema inédito a ser publicado em 2016 num novo livro da Cia. das Letras. Tradução de minha autoria.

<sup>7</sup> Idem.

Shakespeare é fonte de inspiração para outro poema sobre o teatro. A personagem Ofélia, de *Hamlet*, foi representada exaustivamente no palco, nas pinturas e no cinema, como frágil figura feminina que enlouquece e morre por causa do amor não correspondido. O poema de Szyborska, “O resto”, desnuda a representação, apresenta uma Ofélia-atriz prática, preocupada com a sua aparência durante a performance. Novamente o que temos é o espaço limiar entre palco e vida:

Ofélia acabou de cantar cantigas loucas  
e saiu de cena preocupada:  
será que o vestido não amarrotou, o cabelo  
caiu nos seus ombros do jeito que devia?

[...]

Ofélia, que a Dinamarca perdoe a mim e a ti:  
morrerei com asas; sobreviverei com garras práticas.  
*Non omnis moriar* de amor.<sup>7</sup>

Reprodução



A obra de William Shakespeare é fonte de inspiração para vários poemas da polonesa.

O poema termina com a invocação do eu lírico à personagem que representa uma recusa dos papéis consagrados pela tradição. A expressão latina *non omnis moriar* (uma das favoritas de Szymborska, que ela utiliza em vários poemas e que significa “não morrerei inteiramente”) se torna aqui um desafio, uma afirmação de resistência. Afinal, tudo é só uma representação: não se morre de amor.

A julgar por estes e outros poemas, há uma evidente preferência de Szymborska pelo espetáculo da vida em toda a sua complexidade, com seus atos cruéis, mesquinhos ou simplesmente confusos. A arte é um pequenino recorte bem delineado desse imenso palco onde são representadas as verdadeiras tragédias e comédias. Outra questão importante para entender a sua criação poética: ela não se interessa pelos grandes acontecimentos que ocupam o centro do palco. Escolheu narrar o pequeno, o particular, o trabalho dos bastidores, a vida miúda, não só humana, mas também de outros seres que compartilham esse grande teatro que é o planeta Terra.■

“É visível a fascinação da poeta pelas ciências naturais, sobretudo a biologia e a astronomia.”

 **Regina Przybycien** é doutora em literatura comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora aposentada da Universidade Federal do Paraná (UFPR), lecionou literatura brasileira na Universidade Jagielônica de Cracóvia de 2009 a 2016. É tradutora da poesia de Wislawa Szymborska. Entre as suas publicações, estão os livros *Poemas*, de Wislawa Szymborska (Companhia das Letras, 2011), *Poetas mulheres que pensaram o século XX*, (org., Editora UFPR, 2008) e *Feijão preto e diamantes – O Brasil na obra de Elizabeth Bishop*, (Editora UFMG, 2015). Vive em Curitiba.





Divulgação

# Uma nação à procura de leitores

Marcada pela história de dominação e guerras vivida pelo país ao longo dos séculos, a literatura polonesa produziu autores e obras instigantes, que ainda são pouco conhecidos no Brasil

LUIZ REBINSKI

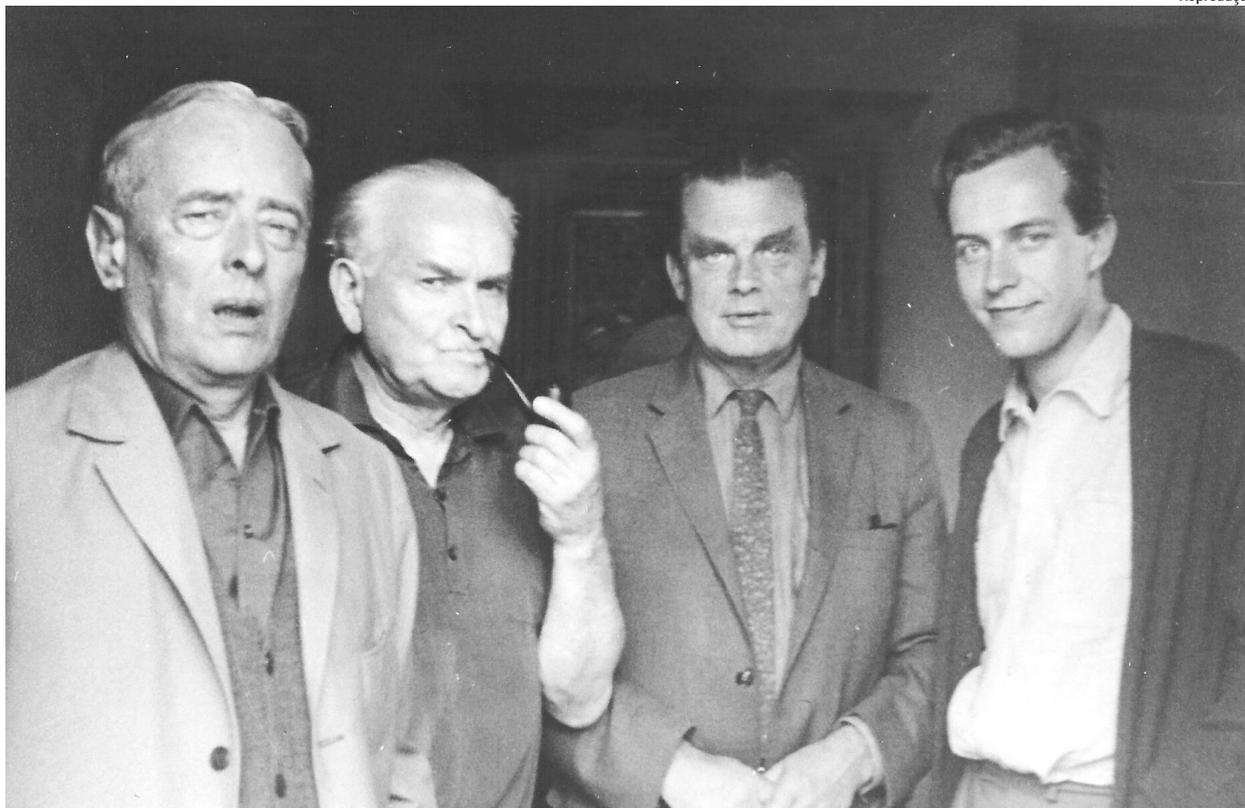
**M**esmo com uma história pausada por invasões de vizinhos com ímpeto colonialista (como a Rússia), a Polônia produziu uma literatura pungente e instigante desde a fundação do seu Estado, há mil anos. De Bruno Schulz (por vezes comparado a Kafka) a Czeslaw Milosz (poeta e um dos cinco Prêmio Nobel do país), de Witold Gombrowicz (grande artífice da linguagem) a Stanislaw Lem (nome mundial do romance de ficção científica), o país tem uma história literária tão rica quanto a de outras nações europeias, como Alemanha e Inglaterra. Ainda assim, autores poloneses nunca foram muito cultuados

no Brasil. Mesmo o país tendo uma colônia de descendentes de imigrantes gigantesca, grande parte dela estabelecida no Paraná.

Autor do livro *História da literatura polonesa* (2000), Henryk Siewierski fala a seguir sobre a tradição literária da Polônia e a difusão desses autores no Brasil. Professor da Universidade Jaguelônica de Cracóvia e da Universidade de Lisboa até a metade dos anos 1980, Siewierski chegou ao país em 1986, a convite da Fundação Nacional Pró-Memória, de Brasília, para trabalhar em um projeto relacionado às comunidades eslavas do Sul.

O plano era ficar dois anos, mas,

Há três décadas no Brasil, Henryk Siewierski se tornou um grande difusor da literatura polonesa ao traduzir para o português autores importantes, como Bruno Schulz.



O romancista Witold Gombrowicz, o pintor Józef Jarema, o poeta Czesław Miłosz e o tradutor Alastair Hamilton, em foto de 1967.

passadas três décadas, segue no país. Atualmente ele é professor do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília (UnB), além de tradutor de autores como Bruno Schulz e Andrzej Szczypiorski.

“No último quarto do século, depois de colapso do comunismo e da recuperação da independência e da democracia, a literatura polonesa entrou numa fase mais normal, mais livre dos compromissos sociais e políticos”, diz Siewierski. Ele também comenta, entre outros assuntos, sobre a literatura polonesa contemporânea, que conta com nomes mundiais como Dorota Masłowska e Tomek Tryzna, ambos já traduzidos no Brasil.

**Witold Gombrowicz, Bruno Schulz, Czesław Miłosz, Henryk Sienkiewicz e Wisława Szymborska são os autores poloneses mais conhecidos no Brasil. Esses escritores representam bem o que é a literatura polonesa? Quais autores, além desses, o senhor acha que os leitores brasileiros mereciam conhecer?**

Sim, é uma boa seleção nacional, mas daria para completar ou colocar no banco de reserva pelo menos alguns outros escritores também traduzidos no Brasil, como Stanisław Lem, Bolesław Prus, Ryszard Kapuściński, Sławomir Mrożek ou Andrzej Szczypiorski. Foram também traduzidos e publicados

em revistas ou coletâneas alguns poemas de Jan Kochanowski, Adam Mickiewicz, Cyprian Norwid, Zbigniew Herbert, Tadeusz Różewicz, Aleksander Wat, Adam Zagajewski. Estes mereciam bem mais traduções. Agora, se tiver que escolher alguns nomes aqui ainda desconhecidos, que mereciam ser traduzidos, a escolha não seria fácil. Talvez começaria por Eliza Orzeszkowa, Władysław Reymont, Zofia Nałkowska, Stanisław Ignacy Witkiewicz, Bogdan Myśliwski, Miron Białoszewski...

**A literatura de um país é composta por diferentes vozes, em qualquer lugar do mundo. Mas o senhor con-**

**seguiria descrever características que unam os escritores poloneses e que possam ser identificadas como próprias da literatura do país?**

Há uma grande diversidade de vozes, de caracteres, de estilos, como em cada literatura nacional, e eu preferiria não procurar um ou outro denominador comum ou características unificadoras da literatura polonesa.

**Tomando por base a literatura de Witold Gombrowicz (o seu *Ferdydurke* fez algum sucesso no Brasil), trata-se de uma prosa bastante afeita a experimentos de linguagem. Os autores poloneses do entre-guerras tinham uma predileção pela experimentação?**

Sim, tinham, como os três maiores daquela época, ou seja, Witold Gombrowicz, Bruno Schulz e Stanisław Witkiewicz. E havia também um forte grupo de poetas de vanguarda de Cracóvia, enquanto os de Varsóvia cultivaram a poesia mais tradicional. Alguns desses últimos passaram pelo Brasil como refugiados nos tempos da Segunda Guerra Mundial, entre eles Julian Tuwim, que em um longo poema digressivo, “Flores polonesas”, deixou belas descrições do Rio de Janeiro.

**No livro que o senhor traduziu para a editora Cosac Naify contendo a ficção de Bruno Schulz (*Ficção completa*), Czesław Miłosz, no prefácio da edição, escreve que “não é fácil fazer de Schulz um escritor internacional”. De um modo geral, os escritores poloneses e suas obras têm apelo para se internacionalizar? Ou seja, é uma literatura que se abre para o mundo ou são autores realmente mais herméticos, na forma e no conteúdo?**

# HISTÓRIA DA LITERATURA POLONESA

Henryk Siewierski



Muitas vezes são as obras muito difíceis de serem traduzidas que melhor representam as literaturas nacionais no cenário internacional. É o caso da prosa de Bruno Schulz. Czesław Miłosz tem toda a razão quando fala sobre a dificuldade de “fazer de Schulz um escritor internacional”. Por que então ele se tornou um dos mais traduzidos autores poloneses? Eu diria que antes de tudo é a própria obra, seu valor literário, que a fazem internacionalmente conhecida a longo prazo. Porque o sucesso a curto prazo ainda não diz muito sobre o valor e a dimensão da obra. O valor literário depende, em grande parte, da criatividade no nível da linguagem. Assim surgem as obras impossíveis de serem concebidas em outras línguas, e também impossíveis ou quase impossíveis de traduzir. São elas que mais desafiam os tradutores.

**A poeta Wisława Szymborska fez sucesso recentemente no Brasil. O senhor já havia traduzido, nos anos 1990, uma coletânea de poetas poloneses (*Quatro poetas poloneses*) em que o trabalho de Szymborska era mostrado. Por que só agora ela ganhou atenção no país? A que o senhor credita esse sucesso?**

Como acontece em grande parte da literatura estrangeira publicada no Brasil, geralmente os editores só se interessam em investir depois do sucesso internacional. Neste caso o Prêmio Nobel foi decisivo. Também uma relativa facilidade de tradução dessa poesia, que aposta na simplicidade, na linguagem coloquial. Mas a simplicidade e a facilidade podem enganar, porque a poesia de Szymborska não deixa de ser sofisticada,

tanto no nível da linguagem, como das ideias e de suas relações intertextuais.

**Que impacto as invasões da Rússia e da Alemanha e, mais tarde, a anexação ao bloco soviético tiveram na literatura da Polônia? Esses fatos estão bastante presentes na ficção dos autores poloneses?**

Desde o final do século XVIII a Polônia teve que enfrentar os apetites imperiais insaciáveis dos seus vizinhos. Se fosse só de um, até seria possível se defender, mas com três (Rússia, Prússia e Império Austro-Húngaro) não dava, e o país, por mais de 120 anos, tornou-se praticamente uma colônia dos três. Depois, a experiência das crueldades do nazismo alemão e do comunismo soviético sensibilizaram a literatura e a cultura polonesa ainda mais em relação ao valor que tem a liberdade, a democracia, assim como a religiosidade, sempre muito forte nessa cultura desde a sua adesão ao cristianismo e a fundação do Estado no século X.

**O povo polonês é sempre identificado por uma certa melancolia, própria de sua personalidade. Esse traço é relevante na literatura dos autores do país?**

É interessante esta sua observação. É um daqueles estereótipos que, por exemplo, faz identificar o povo brasileiro com a alegria, a paixão pelo futebol e pelo carnaval. Obviamente, seria fácil encontrar exemplos da melancolia na literatura ou na música polonesa, mas ela é apenas um dos componentes da sua identidade e talvez não o mais relevante.

**E a literatura polonesa contemporânea, o senhor acompanha? Consegue defini-la? Que tipo de literatura os jovens**

**poetas e prosadores do país estão produzindo? Aliás, quem são esses autores?**

No último quarto do século, depois de colapso do comunismo e da recuperação da independência e da democracia, a literatura polonesa entrou numa fase mais normal, mais livre dos compromissos sociais e políticos que assumia nos quase dois últimos séculos da sua história em que a participação da luta pela independência e até pela sobrevivência nacional era o seu grande dever e desafio. Não foi um dever único, mas era o que predominava e marcava a literatura e a cultura daqueles tempos sombrios, nas épocas do romantismo, positivismo (realismo) e do modernismo. Depois de 1989, as correntes do pós-modernismo encorajam e incentivam os escritores a explorar os temas e os territórios antes marginalizados (como o das minorias e marginalidades), as outras culturas, investir na criação da literatura não mimética, que convida os leitores a entrarem nos “países da literatura”, imaginários e fantásticos. Os nomes são muitos, mas para não exagerar com as recomendações, citaria apenas alguns. Dois já tem romances traduzidos no Brasil: Dorota Masłowska e Tomek Tryzna. Os outros, são Olga Tokarczuk, Andrzej Stasiuk e Jerzy Pilch, que ainda aguardam tradutores e editores.

**Na Polônia há programas de apoio à tradução da literatura do país, visando difundir essa produção no exterior?**

Sim, o Instituto do Livro (Instytut Książki), órgão do governo da Polônia, tem um programa de apoio às traduções da literatura polonesa de que já se beneficiaram várias editoras brasileiras. Ano passado, o Instituto promoveu algumas ações visando a

formação dos tradutores da literatura polonesa no Brasil, como o concurso de tradução e, em parceria com o curso de polonês da Universidade Federal do Paraná (UFPR), um curso intensivo para tradutores.

**O Brasil tem uma colônia grande de descendentes de poloneses, a maioria estabelecida no Sul. Mas, ainda assim, parece que os autores poloneses nunca fizeram muito sucesso no Brasil. Por que isso acontece?**

Houve um tempo em que os imigrantes e seus descendentes podiam ler a literatura polonesa no original, tanto os livros vindos da Polônia quanto as obras publicadas aqui, sobretudo em muitas revistas polonesas. Mas com o decreto do presidente Getúlio Vargas, de 1939, que extingue o ensino das línguas e as atividades culturais dos imigrantes, não só dos poloneses, e com um processo de assimilação e inserção na vida cultural brasileira, os descendentes dos imigrantes cada vez mais dependem das traduções. E posso dizer, conhecendo muitos deles, que esse interesse pelas traduções da literatura polonesa existe.

**Também vemos poucos descendentes de poloneses publicando no Brasil. Aqui em Curitiba tivemos Paulo Leminski, mas não muitos outros. O senhor conhece outros nomes? Por que esse número reduzido?**

De fato, não chovem escritores de origem polonesa no Brasil, mas com Paulo Leminski e Samuel Rawet, já não está tão mal. Existem também numerosas obras de testemunho escritos pelos imigrantes e seus descendentes, publicados aqui ou na Polônia, pouco conhecidas pelo público brasileiro. ■



A jovem Dorota Masłowska, nascida em 1983, é autora do *best-seller* *Branco neve, vermelho Rússia*, que já foi traduzido para mais de 15 idiomas, incluindo o português. A obra foi adaptada para o teatro e recebeu o prêmio Paszport, da revista *Polityka*.

## Witold Gombrowicz

O autor nasceu em 1904, em uma propriedade rural perto de Varsóvia. Formou-se em direito pela Universidade de Varsóvia e completou os estudos em Paris, graduando-se em filosofia e economia. Gombrowicz iniciou a carreira literária em 1933, com a publicação da coletânea de contos surrealistas *Memórias dos tempos da imaturidade*. Em 1937, lançou seu trabalho mais famoso, *Ferdydurke*, único livro publicado por ele em seu país natal. O romance foi recebido com estranheza pela crítica da época. Com estrutura narrativa pouco usual, marcada por uma linguagem semelhante a dos sonhos, o livro conta a história de um escritor de 30 anos que é subitamente levado a um colégio, onde é tratado como mais um dos adolescentes. Convidado para ir de navio até Buenos Aires, em 1939, Gombrowicz foi surpreendido pela eclosão da Segunda Guerra assim que chegou à Argentina. Impedido de voltar, passou ali os 24 anos seguintes, a maior parte do tempo em extrema pobreza. O reconhecimento crítico só veio nos anos 1960, já de volta à Europa, quando teve seus principais romances publicados na França, entre eles *Pornografia* (1960) e *Cosmos* (1965).

Reprodução



Reprodução

## Gzeslaw Milosz

Nascido em 1911, em Sateiniai, na Lituânia, quando o país pertencia ao império Russo, Milosz cumpriu parte de seus estudos na Polônia e, nos anos 1930, viveu em Paris. Sua obra está totalmente atrelada à história das guerras e ocupações europeias do século XX. O poeta escreveu e viveu em Varsóvia durante a Segunda Guerra, testemunhando o Levante de Varsóvia. Sua poesia é repleta de polaridades e antíteses, o que sempre dificultou as tentativas de defini-la. Milosz foi influenciado por pensadores como Bakhtin, Dostoiévski e Simon Weil. A relação entre o “eu” e os outros assume, em sua obra, aspecto de uma investigação filosófica e moral. Em 1960 o escritor emigrou para os Estados Unidos, onde ensinou literatura polonesa em Berkeley. Em 1980, ganhou o Prêmio Nobel, fato que fez o trabalho de Milosz ser conhecido na Polônia, já que o poeta era censurado no país por conta de sua oposição ao regime comunista. Entre suas principais obras, destacam-se a seleta de poemas *The rising of the sun* (1985) e o livro de não ficção *Zniewolony umysl* (1953), sobre a subserviência dos intelectuais poloneses ao Estado comunista.



## Henryk Sienkiewicz

Foi o criador do romance moderno polonês, produzindo ficção de matriz histórica. Nascido em 1846 e vindo de uma família de aristocratas poloneses, Sienkiewicz começou a carreira escrevendo em jornais. Foi para a universidade estudar Direito e Medicina, mas optou mesmo pelo curso de História. Os romances de Sienkiewicz dão feição humana a eventos políticos ao descrever os grandes movimentos da humanidade sob o ponto de vista de um indivíduo. *Os cavaleiros da cruz* e *A trilogia* descrevem os levantes, as invasões e as expulsões que caracterizaram a história polonesa entre os séculos XIV e XVII. Com essas obras, o escritor se tornou imensamente popular em seu país. Depois de viajar pelos Estados Unidos durante três anos e com a publicação de *Quo Vadis?*, romance que virou *best-seller*, seu nome se tornou internacional. Em 1905, Sienkiewicz recebeu o Prêmio Nobel.

Reprodução



## Bruno Schulz

O escritor nasceu em 1892, em Drohobycz, pequena cidade da Polônia antiga (hoje pertencente à Ucrânia), que fazia parte do Império Austro-Húngaro. A família de Schulz pertencia à comunidade judaica e seu pai era um bem-sucedido comerciante de produtos têxteis. Em 1924, o escritor começa a trabalhar como professor de desenho no Ginásio Público de sua cidade. Nessa mesma época ele inicia a carreira literária. Seu primeiro livro de contos, *Lojas de canela*, publicado em 1933, foi muito bem recebido pelos maiores críticos poloneses e indicado para o principal prêmio literário de Varsóvia. Com *Sanatório sob o signo de clepsidra*, Schulz se consolida entre os grandes escritores de seu país. No entanto, sua obra ficaria restrita a dois livros e mais alguns textos esparsos. No verão de 1941, após Hitler atacar sua até então aliada União Soviética, Drohobycz fica sob ocupação Alemã. Bruno Schulz é um dos milhares de judeus transferidos para o gueto. Amigos escritores preparam para ele documentos falsos e um esquema de fuga. Mas na véspera da fuga, em 19 de novembro de 1942, o escritor é morto por um oficial alemão com um tiro na cabeça.



Reprodução

Reprodução

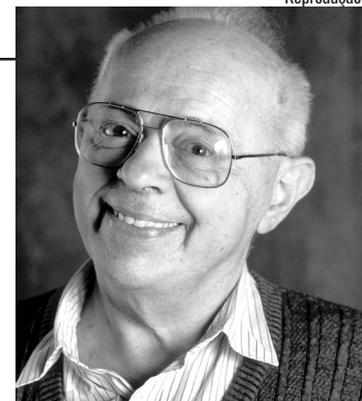
## Stanislaw Ignacy Witkiewicz

Witkacy, como era conhecido artisticamente, foi um dos maiores representantes da Vanguarda europeia na primeira metade do século XX. Seu pai, Stanislaw Witkiewicz, foi um famoso crítico de arte e pintor, a quem o escritor deve sua formação em artes. Depois da Revolução de Outubro (1917), Witkacy escreve 40 peças teatrais, entre elas *A mãe* (Matka), que é um de seus trabalhos mais conhecidos fora da Polônia. Também é autor de dois romances antiutópicos, chamados *A despedida de outono* (1927) e *A insaciabilidade* (1930). No mundo teatral de Witkacy, de onde foi banido o princípio da verossimilhança, reinam o grotesco, o fantástico, a paródia, o erotismo e o absurdo. Sua obra também desconstrói a noção de realidade lógica e “normal”, anunciando o cataclismo que o autor vislumbra ao observar a degradação dos homens e das sociedades nos tempos de cultura de massa, “a extinção dos sentimentos metafísicos” e a intensificação das tendências totalitárias. A obra literária e o teatro de Witkacy, com sua visão de mundo particular, anteciparam algumas das principais tendências do pensamento e da arte contemporâneas.



## Stanislaw Lem

O autor nascido em Lvov, em 1916, é considerado um clássico da ficção científica. É hoje um dos autores poloneses mais traduzidos no mundo. Além de ficção científica, escreveu romances filosóficos, textos dramáticos e satíricos, como também trabalhos sobre teoria literária e, o mais curioso, resenhas de livros inexistentes. Um dos temas mais importantes da obra ficcional de Lem é a construção de sociedades perfeitas com métodos científicos. As convenções da ficção científica permitiram que o escritor fizesse uma crítica severa ao totalitarismo, ludibriando a censura, como em *Diários siderais* (1957) e *Ciberiada* (1965), este último uma série de contos espirituosos ambientados num universo habitado por máquinas (que ocasionalmente entram em contato com “repulsivas criaturas biológicas”). A visão do futuro de Lem é bastante pessimista, pois o homem, segundo ele, tem pouco chance de evitar a catástrofe da autodestruição e da destruição da natureza. Um de seus romances mais conhecidos, *Solaris* (1961), foi adaptado para o cinema em 1972 pelo diretor russo Andrei Tarkovsky. O filme ganhou um prêmio especial do juri no Festival de Cannes.



Reprodução

# TENTATIVAS DE CAPTURAR O AR

**E**u preciso confessar minha culpa a alguém, filho, e só pode ser para você, que ainda não pode me julgar; eu me julgo de antemão, e nessa confissão me condeno. A execução da pena ficará em suspenso até o dia em que você ler esse texto e souber o que fiz. Até agora, e quando falo agora penso tanto no momento em que escrevo quanto no que você está lendo, possivelmente décadas depois, ninguém sabe o que fiz. Você, mesmo ainda na barriga da sua mãe, e talvez por isso, pode ser o ancião que escuta minha confissão na porta de Quedes. Com o que faço aqui, peço permissão para entrar no local de onde nunca mais poderei sair.

Partilhar o silêncio comigo é algo que não te peço, pois assim estaria te trazendo para dentro do inferno em que estou, e quando uso essa palavra não estou conferindo nenhum sentido religioso conhecido. Meu inferno são as trevas da culpa, do dedo apontado em minha direção, acusatório, e da certeza de que esse é o meu próprio dedo. O que faço nessa confissão com data de validade vencida é aceitar o peso do espelho que reflete minha própria mão me acusando. A condenação jurídica, então, será menor, caduca,

prescrita, e caberá a você julgar se a me-reço ou não, metaforicamente, continuar pagando pelos meus atos. Pelo que fiz nunca irei para a cadeia, posso afirmar de antemão. Do mundo dos homens estou para sempre protegido.

Mas antes disso deixe-me contar o quê e como aconteceu, se tive culpa do ocorrido ou só dos desdobramentos do ocorrido. Admito: uma pessoa morreu. Não vejo necessidade de nomeá-la porque precisamos que o julgamento seja cartesiano — sou culpado ou não? (e na palavra culpado penso suprajuridicamente, não estou falando em dolo e culpa, mas algo maior, metafísico); e como devo ser tratado após o reconhecimento da ação.

Fato: atropeliei uma pessoa, que faleceu ali mesmo.

Ninguém viu, ficou sabendo, mas aconteceu. O caso não chegou aos jornais, a polícia não bateu a minha porta, não houve um inquérito propriamente dito pela morte dessa pessoa, quem sabe apenas pelo seu desaparecimento, e nisso também estou envolvido, mas ainda não é hora para que a história seja desdobrada. Uma confissão também precisa de ritmo, que seja encadeada com os fatos, e num primeiro momento apenas

confesso que fui o praticante do ato, via o para-choque do meu carro.

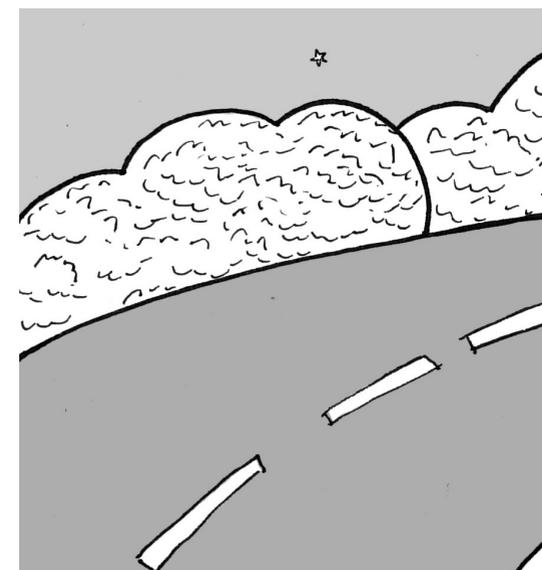
Escrevo-te seis meses depois do ocorrido, e você ainda nem nasceu, está na barriga de sua mãe, inocente.

Eu, não. Penso constantemente no assunto e adianto-lhe que me condenei, e por isso meu depoimento será, sem dúvida, contaminado pela certeza da necessidade de punição. Qual? Não faço ideia. Mas preciso pagar pelo que fiz e me confessando talvez eu encontre uma possível punição.

Queria ser cartesiano, e em alguns momentos, durante essa confissão, o serei, afastando-me totalmente do que está sendo narrado. Mas em outras fracassarei e transbordará um sentimento que julgo intrínseco ao homem, a culpa, o sentimento de culpa, e algo menor, a necessidade de perdão.

Mas não perco de vista que a confissão de minha culpa não a expia.

No entanto, preciso que seus olhos vejam o que aconteceu para que eu possa sentir vergonha, e daí ser condenado ou perdoado, mesmo punido. Sei que o papel que lhe cabe é inglório, pesado, injusto, mas cada um carrega o céu negro que lhe cabe na alma, e a sua já vem ao mundo turvada por uma noite



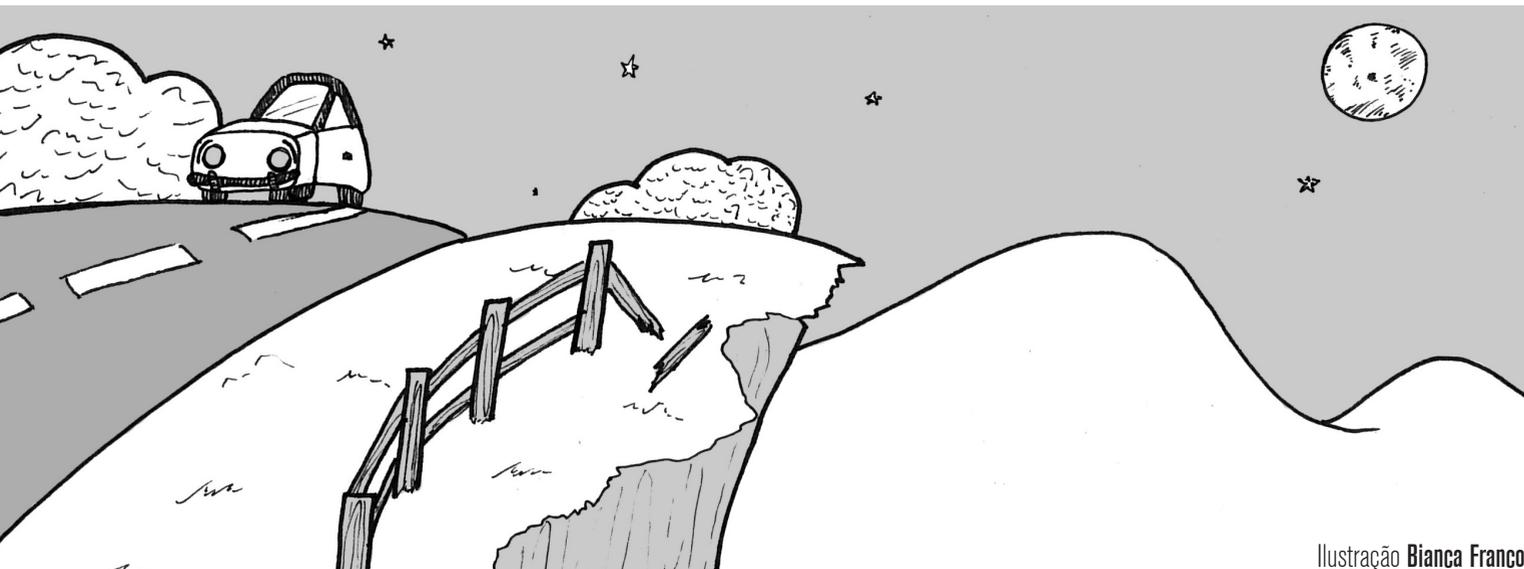


Ilustração Bianca Franco

escura, de um crime que eu, seu pai, cometi e não paguei.

Pois comecemos assim: situando uma data: 10 de agosto de 1988

*Um carro compacto corta a estrada auxiliar, de mão dupla, entre Corrêas e Itaipava. Já passa das onze da noite, faz frio, agosto. Os vidros estão levantados ao limite, a calefação ligada, apenas o motorista no veículo. A estrada é escura, sem iluminação pública, o farol, em modulação média, bafeja luz e poeira na pista, uma dança breve de átomos de pó lambendo o capô do carro em movimento, rodopiando pelo vidro e se perdendo na escuridão. O veículo está na pista sentido Itaipava, que do lado esquerdo termina num barranco, morro, que margeia toda a estrada. Do lado direito, na qual o carro avança, um matagal, espesso em alguns pontos, rarefeito em outros.*

*A estrada não apresenta bom estado de conservação, rachaduras e buracos fazem o carro quicar e perder velocidade, os freios são necessários aqui e ali, reduzir a velocidade para depois aumentá-la. O motorista não corre. A velocidade permitida no trecho é de 70 km/h, e ele não passa de 60 km/h em nenhum momento. Em dois ou três pontos, três para ser mais exato, é obrigado a frear*

*completamente para transpor um quebra-molas construído ilegalmente pelos moradores das poucas casinhas da região. O motorista não sabe da existência das casinhas da região, nunca andou naquela estradinha, nunca mais viria a cruzá-la e, de mais a mais, as luzes das casas já estão apagadas àquela hora.*

*Há uma beleza singela no carro solitário que invade a escuridão e o silêncio de uma estrada deserta. Pode-se dizer que aquele veículo autentifica a existência daquele corredor de concreto no meio do nada, suas rodas deslizam na palma da mão do asfalto, criando ranhuras, linhas de expressão, sinais de velhice, memória. Mesmo uma estrada auxiliar parcamente usada tem memória, e nem todo sinal de velhice carrega uma lembrança boa. Aqui e ali uma freada brusca tatua um susto escuro na superfície naturalmente cinza, aqui e ali uma freada brusca preconiza uma lágrima de sangue no rosto da estrada.*

*Tudo em volta se move quando o carro passa, a marola de vento do rabo do automóvel baloiça as plantas, as folhas, quebra o silêncio ancestral do que já não é mais intocado, puro. O motorista tem o toca-fitas ligado, música clássica, “Prelúdio e fuga”, de Bach, mas o som não vaza. Dentro do carro, apenas música. Do lado*

*de fora, o barulho do carro. Antes, dos grilos, sapos. Depois que ele passa, dos grilos, sapos. Durante é apenas um veículo fazendo zum no vento, as rodas levantando pedrinhas soltas.*

*O carro tem vidro fumê. O motorista não escolheu nublar sua vista com Insulfilm, o veículo foi comprado usado, a vendedora alardeou os benefícios de sua utilização no Rio de Janeiro, especialmente com mulher no volante, e ele assentiu, “Deixa então”, disse, pensando, a esposa grávida dividiria o carro com ele, a cidade de fato é perigosa, não seria o Insulfilm que mudaria muito, mas achou melhor deixar, menos uma razão para acelerar seu coração quando o telefone tocasse tarde ou cedo demais.*

*Dentro daquela célula anatomicamente construída o motorista está só. Fora do carro em movimento, o mundo, mas um mundo que parece não existir, cercado de escuridão e silêncio, de vegetação e asfalto. Se ele fechar os olhos agora, com o carro em movimento, com a música em movimento, pode sentir que o mundo acabou. Mas quando seus olhos beliscarem a luz dos faróis no próximo segundo, acordados por um barulho sujo, não ritmado, jamais um Bach, ele saberá que o mundo existia lá fora, mas que ele não viu. ■*

 Flávio Izhaki já participou de oito antologias de contos e é autor dos romances *De cabeça baixa* (2008) e *Amanhã não tem ninguém* (2013). O fragmento que o Cándido publica faz parte de *Tentativas de capturar o ar*, longa narrativa inédita que a Rocco publica durante o mês de julho. Nasceu e vive no Rio de Janeiro (RJ).

# Dominando o mercado editorial

Kéfera Buchamn e Pedro Rezende, fenômenos das redes sociais, são atualmente alguns dos responsáveis pelas maiores vendas de livros no Brasil, mas o segmento deve saturar em breve, analisam especialistas

KAYPE ABREU

Renato Parada | Divulgação



Kéfera Buchmann é autora de *Muito mais que cinco minutos*, que está entre os mais citados pelas pessoas ouvidas na pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, em 2016.

**A**pós o sucesso da série Harry Potter, dos títulos sobre vampiros e dos livros para colorir, agora os youtubers dominam o mercado editorial brasileiro. Pesquisa anual realizada pelo site PublishNews aponta que, em 2015, dois dos 10 livros mais vendidos foram de vlogueiros. *Muito mais que cinco minutos*, de Kéfera Buchmann, superou a marca de 190 mil cópias vendidas, e *Eu fico loko*, de Christian Figueiredo, vendeu mais de 130 mil exemplares.

No levantamento parcial de 2016, do mesmo site, aparecem outros títulos, como *Tá todo mundo mal*, de Júlia “Jout Jout”Tolezano (mais de 13 mil destes livros já saíram das prateleiras e gôndolas das livrarias) e *Dois mundos, um herói*, de Pedro Rezende, que já vendeu quase 90 mil. A título de comparação, *Todos os contos* — lançamento da Rocco que reúne toda a obra do gênero de Clarice Lispector —, registra aproximadamente oito mil exemplares vendidos.

Pedro Rezende, 19 anos, que tem um outro livro chamado *De volta ao jogo* e já prepara um terceiro título, começou a fazer sucesso com um canal no YouTube falando, principalmente, sobre o Minecraft — jogo que permite a construção de mundos usando cubos e que já conquistou 10 milhões de fãs em todo o mundo. “Quando comecei a fazer as séries no Minecraft, meu pai sugeriu que eu escrevesse alguma coisa. O resultado

acabou chamando a atenção de uma editora”, diz o titular do canal rezendeevil.

## Cronistas da rede

Curadora da Bamboo Editorial, Aloma Carvalho conta que ouviu falar pela primeira vez de um vlogueiro quando estava à mesa de jantar com seus dois filhos, que assistiam aos vídeos de Leonardo Bacci. Não deu outra: contactou o rapaz e propôs lançar um livro dele. “O que me impressionou foi a qualidade do texto que ele usa como base. Não perde em nada para uma crônica”, afirma.

Aloma diz que o próprio número de assinantes do canal de Bacci aumentou após o lançamento do livro. Tinha, na época, 250 mil seguidores — hoje possui mais de 600 mil. “O livro foi um pretexto para ele estar mais próximo do público. Para esse pessoal, o livro é como um cartão de visitas”, opina.

Já a doutoranda em Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) Tauna Jeffman analisa que, mais do que um cartão de visitas, o objeto livro tem o poder de legitimar um artista. “É uma plataforma que pouca gente alcança”, afirma.

O editor especialista em livro digital Ednei Procópio segue a mesma linha ao dizer que o livro é uma espécie de “selo de qualidade”. Ele sustenta que hoje o comunicador é um *crossmedia* — usa diversas plataformas, *online* ou *offline*.

No entendimento de Procópio, quando se trata da relação com o público e com as mídias, os escritores têm muito o que aprender com os youtubers. “Eles [os vlogueiros] estão mostrando que a conversa, o bate-papo, atrai muita gente”, diz.

O livro *Bom dia Leo*, de Leonardo Bacci, reforça, e confirma, essa tese. Cada exemplar possui um código que pode ser lido em um aplicativo de *smartphone*, dando acesso a vídeos de bastidores da produção do livro e do canal. Já Pedro Rezende, além do canal no YouTube e dos livros lançados, protagoniza a própria peça: *Paraíso, o espetáculo*. “É uma continuação da série de maior sucesso do meu canal”, conta Rezende.

### Mais lidos

Além de estar entre os mais vendidos do PublishNews, *Muito mais que cinco minutos*, de Kéfera Buchmann, faz parte da lista dos títulos mais citados pelas pessoas ouvidas na pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, em 2016, realizada pelo Ibope sob encomenda do Instituto Pró-Livro.

É consenso entre os entrevistados pelo **Cândido** que a chamada “literatura de entretenimento” — rótulo em que se encaixariam os livros de vlogueiros, pelo seu caráter simples e de forte apelo comercial — não é novidade. “Só o Paulo Coelho formou 10 milhões de leitores”, afirma Ednei Procópio.

Para especialistas, os livros dos youtubers, assim como tantos outros títulos que fizeram parte de uma febre, como as obras sobre vampiros, podem ajudar a formar leitores. “O livro do youtuber pega um adolescente novinho, sem impor limites, e o leva para a livraria”, defende a jornalista especialista em mercado editorial Renata Frade. “É claro que sempre haverá a discussão de ‘usurpação da arte’, mas não se pode negar que há um público imenso interessado nesse conteúdo”, pondera Tauna Jeffman.

### O “eu” nos livros

A doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP) Gabriela Rodella fez um estudo sobre os hábitos de leitura de 290 estudantes de 15 anos — metade em escolas públicas e a outra parte em colégios particulares. Ela percebeu que a literatura de entretenimento não é discutida em sala de aula e a obra de autores consagrados é considerada complexa.

Gabriela também identificou que as histórias biográficas têm um apelo maior. “Teve inclusive o caso de uma menina que desistiu de ler *Capitães da areia*, do Jorge Amado, depois que descobriu que a história daqueles meninos de rua não era real”, conta.

Para a especialista, que leciona na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), isso explicaria os motivos de os livros dos youtubers, cuja maior parte tem um tom autobiográfico, fazer tanto sucesso. “Eles [os leitores jovens] se pautam na experiência de outra pessoa”, afirma. “É um modelo de comportamento”, acrescenta.

Buscando um modelo de comportamento ou não, o fato é que esses autores revelados nas redes sociais abocanham grande fatia do mercado editorial. Na lista dos 10 mais vendidos, de acordo com o levantamento do PublishNews, três são de jovens que começaram na internet e que, basicamente, falam para jovens.

Renata Frade defende que, hoje, quem está sustentando o mercado editorial é o público jovem. “Isso acontece há um bom tempo. Ocorreu uma renovação de público”, diz. Mas ela acredita que haverá uma saturação em breve. “Assim como já aconteceu, por exemplo, com os livros para colorir”. Para Tauna Jeffman, surgiu, sim, um novo segmento, mas só o tempo vai mostrar se ele pode se consolidar. ■

Carmen Kley | Divulgação



Pedro Rezende vendeu cerca de 200 mil exemplares de seus dois livros sobre Minecraft e já prepara um terceiro título.

# VASSOURA-DE-BRUXA

Foi morada de gente da lida, no tempo do cacau farto, das alegrias que despontavam nas cantorias, do amarelo-ouro das frutas maduras que enfeitava a cultura. Depois veio a doença das plantas e, junto, nuvens de pensamentos ruins que buliram nas histórias que eram mansas. E algumas se tornaram lendas, como a das irmãs meninas que assombram os passantes noturnos na Ponte do Sacrifício, de onde foram atiradas à correnteza para morrer de afogamento nas águas do Fundão.

*Pedi um minuto de espera e a licença de anotar. Desconfiava, pelo introito e pela sucessão dos acontecimentos do dia, que seria incerto reter na memória o enredo e a simbologia de uma narrativa incoada com tanto tempero metafísico. E o narrador prosseguiu disposto:*

Era domingo. Apertou com afinco o laço do cadarço e girou ruidosamente o trinco da porta. Fez passo de dança na saída para benzer a noite, garantir proteção e honrar as crenças de família. “Se chove, atolo os pés na baixada da Anta.” Empenhou intenção de embarçar precipitação e investiu apuro no andamento sem mais rodeios.

Com um sorriso lacônico e boa certeza de aceitação, pensou no encanto de Carminha. Foi confioso de preferir rogo na lua nova para não minguar propósito medido, e voltava seguro de fazer enlace no maio que vinha, dormir e acordar com Carminha. Pássaro que avoa na noite é morcego. “Desgarra da minha sombra”, fez com os olhos virados para a esquerda do atalho antes de chispar pelo caminho de chão esmondado. “Se chove, atolo os pés na baixada da Anta, e é melhor que não chova.” Na dúvida, mexeu pernas num passo de dança para benzer o regresso.

Entrou pela porta entreaberta e a água caiu no mundo lá fora. “Me caso em maio minha mãe.” O silêncio misturado ao ruído ritmado da chuvada se perdeu na modorra, e o juízo cedeu ao repouso.

O dia nascido molhado foi tré-gua de esforço no ciclo que assume o serviço em nome de tudo o que cresce. “Se casa em maio, meu filho?” No fogo a água fervente, na pele enrugamento de vó. “Me caso em maio, minha mãe.” A emoção presa no resumo, arrollhada com um nó de garganta.

O intervalo esgotou ligeiro para o doze de maio da espera, que cindiu o destino com um rasgo duro de ida sem volta,

sentido como um propósito de abandono. “Adeus minha mãe amada, faz de conta que fico e me põe na ave-maria das seis para falsear defeito de ausência.”

Carminha, introversa em propósitos e incertezas, repassava o trajeto até a porta do trem e depois, na cabeça, desembestava nos trilhos para aquele outro mundo que saía da boca do alheio, o mundo do sei-lá-o-que-me-espera.

E partiram, depois de tudo o que foi conversa de Deus-lhe-proteja e de apelo para guarda de santo. Ao longe, a pintura do poente imitava cores de fogo com silhuetas de carvão a encenar, sem almas, o tanto de agonia que despontava nos afetos do par. E a noite entrou pela porta entreaberta, teimosa de ofuscar brilho de uma luz parca, já degradada.

Chegou tempo difícil, de vassoura-de-bruxa, de cacau pouco. A apatia, como um diacho, ocupou larga o espaço do resto de bem-viver e atacou arduamente a esperança, que é energia de alma quando a matéria esmorece.

Uns falam de uma velha caduca a perambular no mundo para tirar regularidade de solidão, e outros contam de uma suposta entrada sem volta numa caverna perto daqui, que tem saída no

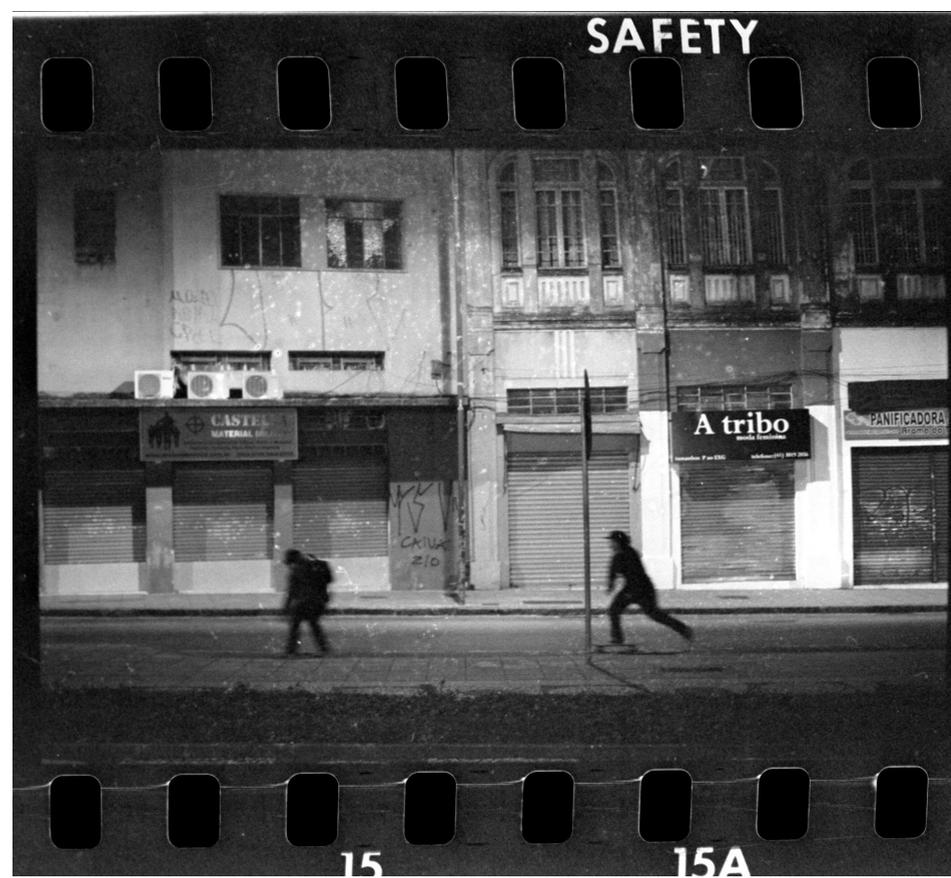
Peru e um intrincado de passagens que dá perda e perecimento certo aos que se atrevem a percorrê-las. Há, no entanto, quem diga que isso tudo é conversa, que ela seguiu nos rastros do filho e hoje, às portas dos oitenta, ainda circula diariamente nos areais de Saquarema a vender cangas e bonés.

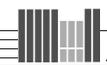
*E foi assim que ouvi, à guisa de explicação, das meias paredes em ruína, dos destroços de um fogão a lenha pretejado e dos cacos de telhas perdidos na vegetação rasteira. Pude também entender a significância do oratório com santinha de jacarandá e escultura gaudiana de velas queimadas em um dos lados da Ponte do Sacrifício. Fiquei ainda mais interessado na história do sacrifício, que, posteriormente, ocupou várias folhas de notas que aguardam a disposição para serem juntadas à parte pregada na lembrança, num único escrito. ■*

 **Antonio Gestaro** nasceu e vive em Maringá. É autor das coletâneas de crônicas *Uma porta para o quarto escuro* e *As artimanhas do Napoleão e outras batalhas cotidianas*. Em 2016 fez sua estreia no romance com *Arco de virar réu*.

# CLIQUESES

## EM CURITIBA





 **Pablo Contreras** tem 37 anos, nasceu em Buenos Aires, na Argentina, e vive em Curitiba desde o começo dos anos 1990. Atualmente apresenta o programa "O Pulo do Gato" (TV É-Paraná), onde dá dicas sobre fotografia. A série publicada no **Cândido** mostra, segundo Contreras, uma Curitiba distante dos clichês, uma cidade que "tem uma cara totalmente diferente, com novos imigrantes". Os registros foram feitos com câmeras analógicas, com filmes vencidos há 10 anos. "Poderia não ter saído nada, mas saiu. O resultado parece que dialoga com a nova cidade." O material do fotógrafo também pode ser conferido no Instagram (@fotoviajante).



## FANTASIA GRÁFICA DE CARNAVAL

toda nua:

inclusive, sem pelos — própria página em branco:  
duas vírgulas — uma para cada pé, fazendo as vezes de salto:  
um coque com um til fincado:  
nas costas, um breve abre e fecha asas:

asas

## LOST AND FOUND

Perdi o voo  
Esbarrei num amigo que não via há tempos, na escada rolante  
Tomei um chope  
Olhei uma moça que perdia um pombo de vista  
Assisti à lua de camarote  
Derrubei a mochila,  
que dentro tinha um volume d'*Anatomia do Paraíso*  
Sujei a calça no joelho  
Fiz anotações  
Lembrei de uma tela do lanelli  
Saí deste poema



## O POETA É UM PÁSSARO

o poeta é um pássaro que voa contra a vidraça  
o poeta é um pássaro que vai de novo  
contra a vidraça  
mas sem querer quebrá-la  
o poeta é um pássaro ferido  
que continua voando  
o poeta é um corpo boiando na piscina  
o poeta é um que observa da sacada  
o corpo boiando na piscina  
antes de chamar a polícia  
o poeta é aquele que no meio do caminho  
em direção ao telefone  
decide voltar à sacada  
e continua olhando o corpo afogado na piscina

 **Amarildo Anzolin** nasceu em Curitiba, em 1970. Publicou os trabalhos de poesia *Evite permanecer nesta área* (livro, 2012), *Cânone* (DVD, 2007), *Eu também* (livro-CD, 2003), *Única - coisa* (livro-CD-vídeo, 2000), *Igual* (livro, 1998) e *Co-lapso* (livro, 1995). Atualmente prepara novo livro, ainda sem título. Anzolin vive em São Paulo (SP).